



revista adventista

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

No 75.º Aniversário da Igreja Adventista

RECORDANDO

Os valorosos pioneiros
Que, numa aventura de fé e de esperança,
Longe da pátria e no meio de privações,
Superando preconceitos e oposição,
Lançaram os fundamentos da Igreja Adventista
Neste país:

RECORDANDO

Os obreiros abnegados,
Alguns descansando já dos seus trabalhos,
Que dedicaram suas vidas, sem reservas,
A expansão da Mensagem do Advento,
Quer através do púlpito e de contactos pessoais,
Quer no labor diário da docência académica,
Quer no ministério da página impressa,
Quer através das ondas etéreas da rádio,
Quer numa obra de amor sublime,
Como missionários,
Em terras de além mar;

RECORDANDO

Todos os membros de igreja que nos precederam,
Pais e mães em Israel,
Que, com o seu exemplo,
Com a sua dedicação e entusiasmo contagiante,
Com a sua actividade em favor do Mestre,
Da Igreja e dos seus semelhantes,
Constituíram as pedras vivas
Do maravilhoso Edifício
De que Cristo é a principal Pedra de Esquina:

NOS PROPOMOS

Receber de suas mãos o facho sagrado,
E, com total consagração
De nossas energias e talentos,
Inteiramente dóceis nas mãos do Mestre,
Realizar a nossa parte,
Para que em breve esteja concluída em Portugal
A obra do Evangelho
E seja assim preparada
A gloriosa parusia do Rei dos Reis.

em

Portugal



“estai vós apercebidos”

GRANDE OBRA A REALIZAR EM PORTUGAL

«Grande obra é confiada aos que apresentam a verdade na Europa. ... Há a Itália, a Espanha e Portugal, depois de tantos séculos de escuridão, franqueados à Palavra de Deus — abertos à recepção da última mensagem de advertência ao mundo. ... Quão pouco se tem feito em comparação com a grande obra que está diante de nós!» — E. G. White, em *Review and Herald*, 6 de Dezembro de 1887, apud *Evangelismo*, págs. 408, 409.

POPULAÇÃO RESIDENTE NOS CENTROS URBANOS DE PORTUGAL

A fim de nos darmos conta da obra que há a realizar no nosso país, mencionamos em seguida os centros urbanos com mais de 5000 habitantes, sublinhando os nomes das terras em que temos a obra estabelecida. Os dados referem-se a 1970, e são extraídos do último *Anuário Estatístico* (de 1977), publicado pelo Instituto Nacional de Estatística.

Centros urbanos com mais de 20 000 habitantes:

Braga, Guimarães, Covilhã, Coimbra, Évora, Faro, Amadora, Lisboa, Moscavide, Odivelas, Queluz, Matosinhos, Porto, Vila Nova de Gaia, Almada, Barreiro, Cova da Piedade, Montijo, Setúbal, Ponta Delgada, Funchal.

Centros urbanos com mais de 15 000 e menos de 20 000 habitantes:

Aveiro, Castelo Branco, Algés, Damaiá, Póvoa do Varzim, Vila do Conde, Santarém, Baixa da Banheira, Viseu.

Centros urbanos com mais de 10 000 e menos de 15 000 habitantes:

Espinho, S. João da Madeira, Beja, Figueira da Foz, Olhão, Portimão, Caldas da Rainha, Peniche, Agualva-Cacém, Algueirão-Mem Martins, Brandoa, Cascais, Pontinha, Sacavém, Venda Nova, Vila Franca de Xira, Elvas, Portalegre, Ermezinde, Gondomar, Leça de Palmeira, S. Martinho de Infesta, Valbom, Abrantes, Tomar, Amora, Viana do Castelo, Chaves, Vila Real, Angra do Heroísmo.

Centros urbanos com mais de 5000 e menos de 10 000 habitantes:

Bragança, Guarda, Leiria, Horta.

ESTIMATIVA DA POPULAÇÃO POR GRUPOS ETÁRIOS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1977

Segundo o mesmo *Anuário Estatístico*, a população calculada em 9 773 000, em 31 de Dezembro de 1977, era assim distribuída por grupos etários: de 0 a 9 anos, 1 790 800; de 10 a 19, 1 795 900; de 20 a 29, 1 475 300; de 30 a 39, 1 145 900; de 40 a 49, 1 177 600; de 50 a 59, 986 600; de 60 a 69, 818 900; de 70 e mais, 582 000.

Estes dados nos ajudarão a tomar consciência do extraordinário campo de evangelização constituído pelas crianças e jovens (mais de metade da população portuguesa tem menos de trinta anos) — tremendo desafio lançado à Igreja Adventista.

PLANOS MAIS AMPLOS

«Nossos planos são, em geral, muito restritos. Devemos ter mais ampla visão. ... Devemos abandonar a visão acanhada e fazer planos mais amplos. Deve haver um mais vasto desenvolvimento da obra, tanto em favor dos que se acham perto como pelos que se encontram distantes.» — *Evangelismo*, pág. 46.

A IGREJA ADVENTISTA SERÁ NOTÍCIA

«Tem-se considerado o nosso povo como demasiado insignificante para merecer atenção. Produzir-se-á, porém, uma mudança. O mundo cristão está adoptando uma conduta que forçosamente fará com que o povo que guarda os mandamentos seja notícia.» — *Testimonies for the Church*, vol. 5, pág. 546.

O QUE NÃO FOI FEITO EM TEMPO DE PAZ TEM DE SER FEITO EM TEMPO DE CRISE

«O trabalho que a Igreja tem deixado de fazer em tempo de paz e prosperidade, terá de realizar em terrível crise, sob as circunstâncias mais desanimadoras, proibitivas. As advertências que a conformidade com o mundo tem silenciado ou retido, precisam ser dadas sob a mais feroz oposição dos inimigos da fé.» — *Testemunhos Seletos*, vol. 2, pág. 164.

SUMÁRIO

No 75.º Aniversário da Igreja Adventista em Portugal

Repto do 75.º Aniversário
A primeira visita de obreiro adventista a Portugal

Para isto viemos ao Reino de Portugal

Paulo Meyer

— Vítima do Nazismo

José Abella — Saudoso pastor

O Campo Português dentro da Organização Adventista

75 anos de existência da Igreja Adventista em Portugal

A Obra de Publicações

Acidentada história das nossas escolas

Roteiro histórico das igrejas

revista
adventista

ORGANIZADA PELO DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES DA IGREJA ADVENTISTA DO 7.º TEMPO DA AMÉRICA DO NORTE

Publicação mensal

JULHO 1979

ANO XL

N.º 394

Director: ERNESTO FERREIRA

Administrador:

JOAQUIM DIAS

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLÂNTICO

Redacção:

R. JOAQUIM BONIFACIO, 17
LISBOA

Administração:

Rua Salvador Allende, lote 18.1.º

Telefone 251 08 44

2686 SACAVÉM CODEX

Composto e impresso na

TIP. ANTUNES & AMILCAR, LDA.

Alam. D. Af. Henriques, 1 - C - Lisboa

Preços:

Assinatura Anual 80\$00

Número avulso 8\$00

ESTRANGEIRO: além do preço de assinatura, os portes são a cargo do assinante.

REPTO DO 75.º ANIVERSÁRIO

Setenta e cinco anos decorreram já desde que a mensagem adventista foi pela primeira vez ouvida em Portugal.

Lutando contra a impermeabilidade religiosa do povo, enfrentando dificuldades de toda a espécie, os nossos pioneiros estabeleceram a Igreja Adventista em bases sólidas. Os baptismos, pouco numerosos a princípio, foram-se sucedendo, o número de membros foi aumentando, até que hoje, segundo os últimos dados estatísticos, podemos contar 5081.

Durante várias décadas — até 1940 — contámos dados estatísticos, podemos contar 5087. o seu número eleva-se a 41.

O nosso primeiro templo — o da Rua Joaquim Bonifácio, em Lisboa — foi construído em 1924. Actualmente, a organização adventista possui, como propriedade sua, 15 capelas e templos.

Só em 1935 se abriu a nossa primeira escola primária, com 39 alunos. Temos agora três escolas, duas delas com o curso secundário, contando um total de 399 alunos.

Durante vários anos tivemos apenas um colportor. Em 1925, o total de nossas vendas de livros, folhetos e revistas foi de 38 942\$05. Em 1978, tivemos em actividade 102 colportores, cujas vendas totalizaram mais de 20 000 000\$00.

A estas consecuições fácil seria acrescentar outras nos domínios da Evangelização Pública, da Rádio, da Temperança, da Assistência à Terceira Idade, etc.

Com referência aos 75 anos de existência da Igreja Adventista em Portugal podemos dizer, com razão, o mesmo que outrora foi dito com referência ao povo de Israel: «Que coisas Deus tem obrado!» (Núm. 22:23).

E hoje, em 1979, como Samuel há cerca de 3000 anos, podemos levantar um monumento comemorativo, nele insculpindo, em letras de ouro, a palavra «Eben-ezer» — «Até aqui nos ajudou o Senhor»!

Mas não basta olhar para trás e contar as vitórias do passado. Resta-nos uma grandiosa tarefa a realizar.

Existem numerosas zonas rurais e não poucos centros urbanos do nosso país em que a mensagem ainda não penetrou; onde, pelo menos, ainda não temos nenhuma igreja organizada.

O evangelismo público não se encontra convenientemente estruturado e posto em movimento de maneira a atingir as grandes massas.

Os meios de comunicação social — a imprensa, a rádio, a televisão — não têm sido aproveitados com todas as suas potencialidades.

As virtualidades da juventude de hoje, com o seu dinamismo, a sua generosidade, a sua preparação intelectual e técnica, o seu culto de nobres ideais, aguardando apenas uma direcção forte e segura, tem-se desperdiçado em actividades estranhas à promoção do Reino de Deus.

A visão do próprio programa da Igreja tem sido em parte perdida, tanto por obreiros como por membros, a tal ponto que muitos estão passando hoje por uma autêntica crise de identidade.

Ao celebrarmos este 75.º aniversário, os nossos olhos, mais do que para o passado, devem voltar-se para o futuro.

Necessitamos, obreiros e membros, de captar uma nova visão da missão confiada por Deus à Igreja Adventista, e dedicar ao cumprimento dessa missão planos mais vastos, organização mais eficiente e actual, envolvimento mais dedicado e activo.

Que o repto do nosso 75.º aniversário nos leve a finalizar com entusiasmo a obra do Evangelho em Portugal. Que ao celebrar-se o 100.º aniversário nos encontremos já no glorioso Reino de Deus!

ERNESTO FERREIRA

A primeira visita conhecida de um Obreiro Adventista a Portugal

Por ordem da Conferência Geral, o conhecido obreiro e escritor adventista Stephen N. Haskell (1833-1922) fez em 1889-1890 uma viagem de prospecção missionária ao redor do globo, durante a qual teve ocasião de visitar a Europa Ocidental, a África do Sul, a Índia, a China, o Japão e a Austrália. (1)

Nessa viagem, que teve notáveis consequências para o futuro da obra mundial, foi acompanhado por Percy T. Magan, que regularmente enviava para a revista The Youth's Instructor artigos sempre aguardados com avidez, nos quais mandava notícias acerca dos lugares visitados e despertava o interesse missionário nos seus jovens leitores.

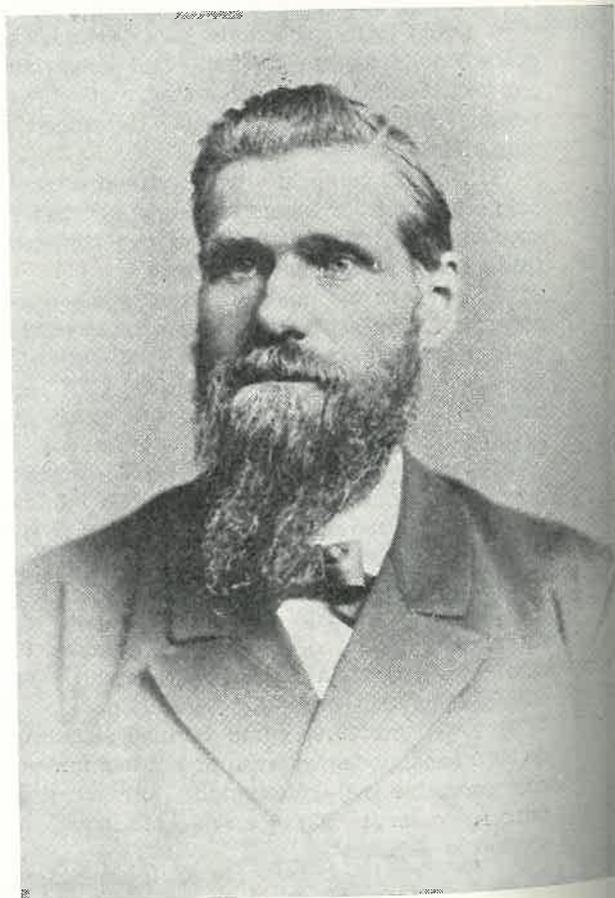
Por sua vez, S. N. Haskell escrevia para a Review and Herald.

Reproduzimos, em seguida, o artigo de sua autoria que apareceu na Review and Herald de 24 de Setembro de 1889, pág. 602.

De Londres a Cape Town, África do Sul

Na sexta-feira, 19 de Julho [de 1889], na companhia do Ir. e da Irmã Druillard, partimos de Londres num comboio especial, para tomar o vapor que havia deixado a cidade na quarta-feira para a África do Sul. O barco estava aguardando em Dartmouth. Esta é uma velha cidade, com as suas curiosas casas, belamente rodeada por verdes colinas, campos cultivados e vivendas. O tempo estava esplêndido, o céu límpido e o mar calmo ao sairmos de Dartmouth para Lisboa, ao fim da tarde. No Domingo, pela meia-noite, chegámos à foz do rio Tejo, onde estivemos ancorados até de manhã. Lisboa fica a oito ou nove milhas, na margem norte do rio, onde este atinge uma largura de cerca de nove milhas. Está edificada sobre um conjunto de baixas colinas, que se estendem ao longo da margem do rio até à elevada serra granítica de Sintra. A cidade apresenta um aspecto nobre a quem dela se aproxima vindo do mar. É a capital de Portugal, e está situada a 38° 42' de latitude norte e 9° 5' de longitude oeste. Aqui nos abastecemos de carvão, e permanecemos até às 4 horas da tarde. Isto deu-nos oportunidade para ver a cidade, e com um guia visitámos alguns dos principais locais de interesse, e tomámos conhecimento de muitas coisas acerca dos hábitos e costumes do povo.

Nas partes antigas de Lisboa as ruas são muito irregulares, mas a zona que foi reconstruída depois do grande terremoto de 1755 consiste de altos prédios com dois, quatro e seis andares, alinhados em ruas compridas e direitas. Foi o terremoto de Novembro de 1755 que o profeta viu na Ilha de Patmos e que precedeu o escurecimento do sol em 1780 (Apocalipse 6), o que tornou a cidade mais interessante para nós. Naquela altura Lisboa ficou reduzida a um montão de escombros. E, como que para completar a obra de destruição, desencadeou-se um incêndio e num muito curto período de tempo perderam a vida, segundo cálculos feitos então, umas 60 000 pessoas. Podem ainda ver-se velhas ruínas de edifícios que existiam antes do terremoto. O aqueduto, com a extensão de nove milhas, construído em 1738, fornecia então de água a cidade, como ainda hoje fornece, através de 31 fontes espalhadas pela cidade, das quais é levada para as casas em



Stephen N. Haskell

barris. Esta água atravessa o Vale de Alcântara em 35 arcos, um dos quais se eleva a 236 pés desde a base, com um vão de 110 pés. Os carregadores de água não são naturais de Portugal, pois estes raramente se vêem transportando cargas de qualquer espécie; mas são os chamados Galegos, ou naturais da Galiza, em Espanha. Eles não são apenas os carregadores de água, mas são também os bombeiros (como tais constituem uma brigada) e os que se encarregam dos mais variados trabalhos da capital. Diz-se que o número de Galegos em Lisboa ascende a mais de 3000. Eles fazem a maior parte do trabalho duro, especialmente o de carregadores. É surpreendente ver quão pesadas cargas eles transportam suspensas por uma corda de uma forte barra de madeira que repousa numa almofada em forma de ferradura colocada em seus ombros, ao caminharem aos pares, sempre com o passo desencontrado, para neutralizar a oscilação de seus corpos. Diz-se que dois homens transportam desta maneira meia tonelada. É voz corrente que os Portugueses sentem um preconceito contra o ser carregadores. Têm um ditado — «Deus criou primeiro o Português, em seguida o Galego para o ajudar».

Outra maneira de transportar é por meio de veículos, feitos do modo mais primitivo, de aparência antediluviana, e puxados por bois. As rodas não têm raios, mas são discos lisos de madeira fixados em eixos, que giram juntamente com elas. Os vegetais são também transportados por jumentos, com cestos maiores do que os animais, pendentes de cada lado para manterem o equilíbrio. Além destes meios de transporte têm também veículos de modelo mais moderno, com mulas e cavalos. Mas o que é ainda mais notável para um estrangeiro americano, é que toda a espécie de comestíveis, excepto a carne do talho, têm de ser comprados nas ruas, vendidos por mulheres de pés descalços, que disputam umas com as outras em altas vozes, ininteligíveis e discordantes. As peixeiras são as mais pitorescas, com um largo e bem pregueado chapéu de veludo, de azul anil, saia de lã, curta e às pregas, blusa ampla e pernas nuas. Muitas delas adornam-se com profusão de enfeites de ouro. Nisso está a sua riqueza, que sempre transportam com elas.

A religião deste país é o Catolicismo Romano, mas a amenidade do clima, embora não dos mais sadios, e a beleza da situação da cidade, tem atraído às suas paragens grande número de Europeus, especialmente Ingleses, que se têm estabelecido aqui na cidade. A cidade é escrupulosamente limpa, e há lugares de culto protestante, com as 200 casas públicas para esse efeito. (2) Os Portugueses são notados pela sua polidez. É concedida a todos a maior liberdade, de todas as partes, para

expressarem os seus sentimentos nos jornais e em discursos públicos, tanto sobre assuntos políticos como sobre temas religiosos. O mesmo se passa em muitas das cidades católicas romanas europeias. Os Ingleses têm residências em quase todos os locais desejáveis do globo. Isto cria um sentimento que é favorável, e também abre portas para o avanço de diferentes ideias sobre religião, bem como sobre outros tópicos. Ninguém que olhe para a obra de Deus sob o ponto de vista encarado por nós como povo pode deixar de ver nestas coisas uma providência de Deus, que tem ido à nossa frente abrindo o caminho para que o conhecimento da verdade vá a cada nação e língua e povo. Da natureza dos Portugueses como nação, falaremos mais extensamente nalgum tempo futuro. Diz-se que a cidade actualmente tem uma população de cerca de 400 000 habitantes.

Na quarta-feira seguinte, de manhã, chegámos à Ilha da Madeira. Esta é a principal ilha de um grupo conhecido por esse nome. A população desta ilha é de cerca de 132 000. A capital da Madeira e do distrito é o Funchal, com uma população de 21 000. Aqui, como noutros lugares, há uma boa proporção de Ingleses, tendo muitos sido recomendados por médicos para aqui virem em demanda de melhor saúde. O cemitério testifica que ou houve nisso um erro ou as pessoas se encontravam em situação desesperada quando aqui vieram. A ilha é uma massa vulcânica, com cerca de 16 por 38 milhas de superfície e é superpovoada. Os habitantes de origem são Portugueses, e são notáveis como nadadores. Aglomeram-se em volta do barco como aves marinhas, e quando os passageiros atiram uma pequena moeda ao mar, logo mergulham de um a uma meia dúzia para a apanhar, e o mais hábil dentre eles a traz à superfície. Eles também se lançam, para mergulhar, desde o convés superior do barco, distância, segundo julgamos, não inferior a cinquenta pés.

Enquanto o barco está ancorado ao largo do Funchal, o seu convés converte-se num bazar, onde cadeiras, cestos, bordados, jóias e outros artigos de manufactura local podem ser comprados. Também são trazidos ao barco bananas, morangos e outros pequenos frutos.

Chegámos a Cape Town na sexta-feira, 9 de Agosto. Aí nos encontrámos com os amigos no cais. Para apreciar convenientemente os nossos sentimentos, seria necessário fazer uma viagem por mar durante três semanas num mar revolto, de maneira que, excepto de tempos a tempos, algum artigo especial e particular de dieta é a única coisa desejável. Mas mais do que isto, os nossos corações estavam unidos pelos mesmos sagrados laços da verdade, e, confiamos, santificados

(Continua na pág. 38)

PARA ISTO VIEMOS AO REINO DE PORTUGAL

Por CARLOS A. RENTFRO

Na bela Lusitânia, por onde rondavam legiões romanas há 2000 anos, ouviam-se rumores que o Príncipe da Paz havia nascido sem alarde em Belém, na Palestina. Sua Majestade cresceu como aprendiz de carpinteiro em Nazaré. «Vindo, porém, a plenitude do tempo», passou a empolgar as multidões com as Suas palavras ajuizadas. Embora fosse rei, terminou a Sua carreira terrestre numa cruz cruel, mas saiu vitorioso da tumba para salvar o mundo das garras de Satanás.

A península ibérica (até o Apóstolo Paulo queria visitá-la) então ficou quase isolada do vaivém político e religioso do resto da Europa. Séculos depois, na providência divina, surgiram os almirantes Vasco da Gama e Pedro Álvares Cabral, cujas epopeias se historiam em caravelas à procura de terras incógnitas. Estas seriam baluartes da obra adventista — a África, o Brasil e a Índia Asiática.

Assim o povo de Deus também faria proezas. Alvorecia o século XX. Anjos voavam pelos céus, — um, dois, até se viam três — realçando a importância apocalíptica do evangelho eterno, pois soara «a hora do Seu juízo.» Era tempo de adorar «Aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas.»



Mary L. Rentfro

Os poderes divinos impressionavam, pelo Espírito Santo, nos seus agentes terrestres a actuação desta firme directriz de Jesus: «Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura.»

Nos Estados Unidos vários jovens, que ainda não se conheciam, ouviam o convite divino a pedir voluntários para ingressar no grande movimento missionário que surgia nos arraiais adventistas. Era tempo de passar a tocha da verdade a outros.

Os breves históricos da obra registam como os meus pais haviam levado a mensagem do próximo Advento de Cristo a Portugal, a começar do ano 1904, precisamente há 75 anos. Para que os leitores da *Revista Adventista* saibam como estes pioneiros audazes agiam durante a sua estadia de 13 anos em Portugal, o Pastor Ernesto Ferreira sugeriu que exarássemos aqui algumas notas originais, e outras inéditas.

O meu progenitor, Clarence Emerson Rentfro, nascera em 23 de Julho de 1877, num sítio rural de Sigourney, Iowa. O pai dele, James Allen Rentfro, foi sargento na Guerra Civil norte-americana. Sendo viúvo, casara-se com Aurilla Curtis, cujos familiares eram adventistas desde 1844. O veterano tornou-se adventista em 1874.

Aos 21 anos, o Clarence estudava num colégio da igreja em Union College, Nebraska, e colportava durante as férias em 1898. Ao assistir, no estado de Iowa, a uma reunião de obreiros e colportores adventistas, o jovem prestava atenção a um testemunho de uma senhora, também colportora.

«Eu me chamo Mary Haskell. Aos 16 anos de idade tive de deixar o lar paterno porque meus pais baptistas não aceitavam todas as crenças adventistas. A minha irmã Susana e eu procurávamos manter a nossa fé. Uma senhora adventista recebeu-nos em casa; não tínhamos dinheiro para viver. Este dizer divino em Isaías nos confortava: 'Não temas, pois, porque sou contigo'.»

Esse jovem entabulou conversa com a senhorita: «Irmã Haskell, meu nome é Clarence Rentfro, um colporteur estudante. Ouvi o seu relato. Onde trabalha?»

«Em Iowa City. Uma amiga recomendou-me a uma freira no convento, e encomendou *A Vereda de Cristo*. Fiz a entrega de noite. A freira escondeu o livro. Após a entrega o padre começou a visitar os paroquianos. Achou uma senhora a ler *O Rei Vin-*

sofreram um revés financeiro quando tiveram de pagar três meses de aluguer adiantados. Armaram a cama com caixotes e molas de sogá.

A casa era apertada. Para conseguir ar fresco os jovens, com o seu bebé, o Carlinhos, passavam horas no jardim, absorvendo as conversas de que pouco entendiam, e a dar revistas a quem as aceitavam. Começaram o estudo do português com a Dona Barata no dia 7 de Outubro de 1904, já onze dias depois de desembarcarem.

No dia 21 desse mês Clarence escrevia no seu Diário: «Comemos metade de um pão ao almoço.» Três dias depois estavam ainda mais racionados. Uma remessa de \$5.00 (dólares) vinda da América alcançou até 18 de Novembro.

E o meu pai foi empenhar o relógio, que recebera de presente do meu avô, ao casar-se. Bastou para batatas e pão. No dia seguinte Clarence e Mary Rentfro voltaram a pão e água, como condenados na cadeia.

As chuvas inverniais obrigaram os meus pais a fazer duras decisões. A cama de caixotes foi ao lume, e dormiram no soalho, no colchão de palha. Afinal vieram do Brasil exemplares da revista *O Arauto da Verdade*. Vendidos, o Clarence trouxe dois pães; não logrou mais vendas, e o violino foi ao empenho.

Em fins de Novembro de 1904 uma carta sem endereço, extraviada em dois países, foi levada aos meus pais por um senhor inglês da Sociedade Britânica de Tratados, que a recebera do carteiro. A primeira remessa de salário foi escassa, mas daria para viver melhor.

E no Diário apareceu este apontamento: «O Senhor é bom; quando voltamos a Ele, então ajuda-nos.» Nenhuma palavra de desânimo.

De Lisboa os missionários foram viver em Carcavelos, perto da Professora Barata. Lá as senhoras da colónia inglesa informaram a casa real portuguesa que a Dona Maria Rentfro, jovem enfermeira americana, tão culta, tratava doentes eficazmente.

Certo dia um coche lindo do paço, tirado por cavalos brancos, com arreios polidos, parou em frente à humilde casa. O cocheiro entregou-lhe uma nota breve:

«Dona Maria: Minha mulher está enferma. Queira acompanhar o cocheiro.» (Segue a assinatura do Primeiro-Ministro).

A minha mãe veio-lhe este pensamento: «Quem sou eu para servir o primeiro-ministro de Portugal e a sua esposa? Mas para isto viemos ao reino português. Louvado seja Deus pelo ensejo.»

O cocheiro ficou à espera, enquanto a minha mãe voava a trajar-se de enfermeira, e a vestir o seu Carlinhos. Levou consigo o

precioso estojo de medicamentos e instrumentos, e foram ao palácio. Daí ela tratava a outro pessoal do paço real, enquanto eu brincava curioso entre os coches reais a motor. E a princesa levava nos braços a Mariana depois de ela nascer.

O Pastor Clarence pregou o primeiro sermão em português em 17 de Abril de 1906. No entretanto ele e a minha mãe assistiram a vários cultos dominicais na igreja anglicana de Lisboa. Aí se encontraram com Lucy Portugal, uma senhora inglesa, viúva do actor, o Senhor Portugal. Ela passou a ler os *Sinais dos Tempos*, revista semanal da América.

Em 19 de Maio de 1906 a Sr.^a Lucy Portugal começou a guarda do Sábado, a primeira crente em Portugal. Em Lisboa doze pessoas recebiam estudos. Nessa mesma data celebrou-se a primeira Escola Sabatina, na Rua dos Industriais, n.º 9, 2.º, no lar da Irmã Lucy.

Uma sala de culto e residência foi instalada por meus pais, a partir de 13 de Agosto de 1906, na Rua São Bernardo, à Estrela, n.º 120, 1.º. A primeira Igreja Adventista em Portugal surgia nos recintos deste edifício azulejado que ainda se vê em Lisboa. E aqui nasceu em 27 de Agosto a minha irmã Mariana. (Na mesma data, sessenta e dois anos depois, em 1968, a Mariana e o esposo, Dr. W. DeGrove Padgett, chegariam a Lisboa de avião a visitar o solar natal).

O baptismo primordial realizou-se no Rio Tejo, às 20 horas de sexta-feira, 21 de Setembro de 1906. Maria Morgado de Figueiredo, Lucy Portugal, António Vítor de Figueiredo e Alberto Carlos de Figueiredo foram imersos pelo Pastor Ernesto Schwantes, que viera do Brasil a iniciar obra no Porto.

O acto histórico deu-se de noite, pois o António Vítor era menor de 12 anos. Receava-se a intervenção das autoridades reais. No dia seguinte, Sábado, celebrava-se a primeira Santa Ceia Adventista em Portugal. E dois mais, João Baptista Figueiredo e sua esposa, Maria da Conceição Figueiredo, receberam baptismo, em 8 de Dezembro de 1906.

Pela Imprensa curiosa começava-se a ler das novas doutrinas evangélicas, que um redactor de Setúbal chamava de «mirabolantes» sobre o fim do mundo. Outro repórter da *Ilustração Portuguesa*, em 15 de Abril de 1907, descrevia a «Nova Religião em Portugal — A Igreja Adventista.» E de várias fontes surgiam surtos polémicos.

A minha mãe orgulhava-se ao ver o seu esposo, o Clarence, atrás do púlpito, jovem e alto, com um bigode à moda dos tempos, trajado a tipo do Príncipe Alberto. (E várias vezes, anos depois, ela me dizia: *Ele é deveras um príncipe entre homens*).

Nas paredes da sala de cultos estavam pendurados todos esses panos pintados. Como

retratara e escrevera o repórter, são «figuras cujo significado simbólico não é, por vezes, muito fácil de apreender.»

Em Gland, Suíça, o Pastor Clarence Emerson Rentfro, já 29 anos, foi consagrado ao ministério no dia 25 de Maio de 1907, pelo Pastor Arthur G. Daniells, presidente geral da Igreja Adventista. Ainda que os crentes em Portugal fossem menos de 12, os adventistas mundiais já alcançavam quase 100 000, comparados com mais de 3 000 000 hoje em 1979.

Em Agosto de 1909, na Suíça, o Pastor Clarence informava aos delegados em sessão plenária: «No decurso destes dois últimos anos, tivemos reuniões em Lisboa e no Porto. ... O auditório (em Lisboa) varia entre quarenta e cinquenta pessoas. ... Em Janeiro, tivemos três baptismos; outras três pessoas foram baptizadas em Junho. ...»

O terceiro bebé, o Curtis, nasceu em 30 de Abril de 1909, enquanto os nossos pais residiam na Praça de Laveiras, n.º 131, em Caxias, pela segunda vez.

A sala de cultos havia-se mudado para a Rua de São Bento, n.º 275, 1.º, Esq., e pouco depois (ainda em 1909) para a Rua da Cruz dos Poiais, 80, uma loja, rés-do-chão. Aqui pela primeira vez havia música instrumental (violino e órgão). O povo gostava.

A família Rentfro passou a viver de novo em Caxias, mas numa quinta mais ampla, perto da estação. Conosco vivia o colportor João de Sá Pereira do Lago, e uma rapariga, a Judith Barreiros, que ajudava a minha mãe em casa. Aí plantámos mil mudas, e comíamos alface aos montões, em salada com tomates; e aipo com ovos. Mas tanto sobrava que os meus pais davam, às mulheres pobres, aventais cheios de alface!

Após três meses de viagem na França e Suíça, assistindo a reuniões campais, além de cultos em Barcelona com os Irmãos Bond, no Verão de 1910, os meus pais e nós continuamos a viver em Caxias.

No princípio de Outubro de 1910, o meu pai voltou à pressa da estação e disse-nos: «Estalou uma revolução em Lisboa. Os comboios não correm. Devemos fazer uma bandeira.» E foi comprar panos vermelho, branco e azul. A minha tarefa foi de recortar as 46 estrelas dos estados norte-americanos de então. Hoje seriam 50, pois foram adicionados os estados de Arizona, New Mexico, Alaska e Hawaii.

Os meus pais coseram até à madrugada. Quando me despertei, lá estava içada a bandeira de nossa pátria. E os outros membros adventistas também estavam refugiados nos seus lares por motivo da Revolução que implantou a República em 5 de Outubro de 1910.

Os cultos do dia 8, um Sábado, haviam sido cancelados. O Pastor Clarence teve a

ousadia de visitar os crentes ao correrem o comboio. Mas ainda estalavam balas. Um zumbiu perto demais. Ele escapou pelo caudal do Tejo, e escondeu-se na praia debaixo de um barco de pesca, até cessar o tiroteio de forte. Mas queimou as mãos ao escorregar nas amarras.

Com a nova liberdade vieram mais obreiros. Um deles foi o segundo colportor, o jovem José Abella, espanhol educado na Suíça, e Paul Meyer, ministro licenciado, também suíço. Ainda em 1911 a sala de cultos transferiu-se para a Rua das Chagas, n.º 9-A, em Lisboa. Agora permitia-se anunciar cultos religiosos em forma mais pública. Um anúncio iluminado a gás via-se da rua em ambas as direcções da varanda do primeiro andar. Aos sete anos eu já auxiliava os meus pais nas conferências, e tocava o órgão impelido a vento com os pés, enquanto o meu pai tirava música do violino.

Elementos fanáticos, ainda aferrados à monarquia, dirigiram sua sanha contra os protestantes, cujas salas foram destruídas por guerrilhas. Deixaram os Adventistas para a sua última façanha. Mas na providência divina os dezasseis homens da quadrilha foram repelidos. Fugiram desordenados da sala de conferências das Chagas, menos o chefe que foi encarcerado pela guarda nacional. Daquele tempo em diante o público rendia mais respeito aos cultos adventistas.

Lembro-me de outro episódio dessa mesma sala de culto. Certo homem esfaimado, sem morada fixa, procurava abrigo. O Pastor Clarence, sempre compassivo, deu-lhe a ceia, arranjou sua cama na própria sala. Na manhã seguinte, o transviado se havia ido, e com ele o violino e a Bíblia que achara atrás do púlpito. Certo é, esse mesmo violino foi apanhado pela última vez. Agora não houve resgate.

Fomos viver e trabalhar no Norte, em Vila Nova de Gaia, no Largo da Bandeira, n.º 93. A gente não respondia ao clarim evangélico nesses tempos. Pouco depois, em 1912, alugámos um prédio alto no Porto, na Rua da Boa Vista, n.º 145.

Durante a mudança um fiscal acompanhou a carreta desde a divisa do Rio Douro. Minha mãe havia engarrafado pêssegos e suco de uva, e outros sumos. O fiscal queria cobrar impostos, supondo que as garrafas eram de vinho caseiro. Ele escolheu uma amostra, removeu o lacre e a rolha, e bebeu. Nada de álcool. Convencido pelo refresco, o fiscal despediu-se cortêsmente sem cobrar um cruzado. *Vale ser Adventista, pois é mais barato.*

A sala de culto ocupava o primeiro andar (e sempre tínhamos guardas-civis à porta durante as conferências). A nossa família passou

(Continua na pág. 38)

C. E. RENTFRO COMO JORNALISTA

No exercício do seu ministério em Portugal, procurou o Pastor Rentfro não só pregar oralmente a mensagem, mas aproveitou as oportunidades que se lhe ofereciam para a apresentar também por escrito.

Temos diante de nós dois interessantes artigos por ele escritos em publicações periódicas não-adventistas.

O primeiro encontra-se no número de 21 de Abril de 1907 do semanário «O Trabalho», de Setúbal.

Começa assim o artigo: «Sr. Redactor: Há dias um amigo deu-me um número do semanário «O Trabalho», que se publica nessa cidade. É o número 317, de Abril corrente, que contém a notícia do aparecimento em Lisboa de um sujeito, que expõe doutrinas 'mirabolantes' sobre o próximo fim do mundo. Esse sujeito sou eu — Rentfro — e não Dentifero —; vejo mais que o jornal de que V. Ex.^a é digníssimo redactor, defende os interesses dos operários; felicito-me e felicito V. Ex.^a porque trabalhamos no mesmo campo.»

O artigo prossegue com a defesa da fidedignidade da Bíblia e da sua narrativa da criação, e com a apresentação, em linguagem clara e convincente, de alguns sinais da segunda vinda de Cristo.

E termina: «A Bíblia diz que estes sinais são os da próxima vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. E que diz V. Ex.^a? Se disser o contrário, é justo que o prove. Estudando V. Ex.^a este assunto, poderá, qualquer dia, apresentar-me tais verdades quando eu for à bela cidade de Setúbal. ... Com amor cristão para com V. Ex.^a, sou um amigo do operário. Lisboa, 17 de Abril de 1907. Rua de S. Bernardo, 120, 1.º — C. E. Rentfro.»

O segundo artigo que temos presente foi escrito já perto do fim da estadia do Pastor Rentfro em Portugal. Aparece no número de Março de 1916, da revista «O Vegetariano».

Começa com estas palavras introdutórias: «Sem dúvida, será de interesse aos digníssimos consócios desta Sociedade Vegetariana saber um pouco dos esforços empregados em vários lugares em prol da humanidade, no que diz respeito à reforma dietética, por diversas

sociedades de temperança e outras forças de grande valor.»

Em seguida refere-se aos Nazireus e aos Recabitas como precursores das modernas Sociedades de Temperança:

«A ideia de se formar uma sociedade para a defesa de princípios bons para a vida não é nova nem moderna. O livro, a Bíblia, faz menção de, ao menos, duas sociedades, além do povo judaico e os seguidores do Nazareno. A primeira delas é mencionada no livro de Números, capítulo 6, e os sócios se chamavam 'Nazireos'. Entre os diferentes princípios praticados, 'deviam apartar-se do vinho e de bebida forte; vinagre de bebida forte não deviam beber'.

A segunda teve o seu começo nas instruções de um pai a seus filhos. Chamava-se Rechab. Os sócios desta sociedade, os filhos e as gerações descendentes, chamavam-se 'Rechabitas'. No livro de Jeremias, capítulo 35, faz-se saber os princípios aos quais eram tão fiéis os sócios; homens, mulheres e crianças. Entre esses princípios se encontra a proibição de beber vinho. Do seu propósito ninguém era capaz de os afastar. Havia outros nesses tempos que lutavam contra o rei Al-Cool».

Menciona então os primeiros movimentos de temperança surgidos na América, apresentando de uma maneira particular as Sociedades de Temperança Adventistas.

E termina: «Foi com este plano que o autor destas linhas, quando chegou a Portugal no ano de 1904, traçou a sua conduta e o seu ensino perante o público. Primeiro em Lisboa, e ultimamente no Porto, ensina o regime vegetariano, que segue desde há 18 anos. A sua esposa segue o mesmo desde há 22 anos, e naturalmente os quatro filhos nascidos nunca provaram as carnes de animais. Na Rua Firmez, 158, da cidade do Porto, existe um pequeno núcleo de defensores das abstinência total das bebidas alcoólicas, do tabaco e da carne de porco; também há vegetarianos. Portanto, acham-se prontos a apoiar todo o movimento em favor da saúde e do bem da humanidade. Que haja longa vida à Sociedade Vegetariana que faz uma obra útil pelo povo português.»

PAULO MEYER

VÍTIMA DO NAZISMO

Um dos mais queridos dirigentes do Movimento Adventista em Portugal foi sem dúvida Paulo Meyer.

Nascido em 1886, numa família protestante suíça, entrou na Igreja Adventista em 1905. Depois de frequentar por um ano o Seminário da União Latina, em Gland, na Suíça, entrou em 1908 na obra denominacional, primeiro em Besançon e depois em Lyon.

Em 1910 foi chamado para trabalhar em Portugal, onde colaborou com o Pastor Clarence E. Rentfro.

Em 1912 assistiu a um Congresso Adventista que teve lugar em Lausanne e aí foi ordenado para o sagrado ministério.

De 1917 a 1924, desempenhou a responsabilidade de presidente da Missão Portuguesa.

Foi no seu tempo que se decidiu a construção do templo da Rua Joaquim Bonifácio, em Lisboa, inaugurado precisamente em 1924.



Paul Meyer com sua filha Myrthe



Irmã Marta Meyer em 1979

De Portugal, o Ir. Paulo Meyer seguiu para França, onde prosseguiu com as suas actividades. Ali realizou uma obra de pioneiro na Bretanha, primeiro em Nantes, onde fundou uma igreja, depois em Rennes, S. Nazaire, Angers, Saumur, Lorient.

Entretanto, em 1934, ainda fez uma visita a Portugal, tendo participado, como orador, na Assembleia então realizada.

De 1936 a 1944, exerceu uma actividade intensa, primeiro em Lyon, seguidamente em Marselha, e depois de novo no sector de Lyon. Fundou a igreja de Roanne e deu forte incremento à de Saint-Etienne e à de Lyon. De 1937 a 1938 foi presidente da Conferência do Sul da França.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o seu lar esteve sempre aberto para hospedar refugiados, entre os quais numerosos judeus, o que levou a Gestapo a intervir.

Como nos conta seu irmão Oscar Meyer ⁽¹⁾, «a Gestapo fez o primeiro assalto a sua casa no dia 28 de Fevereiro de 1944, e tudo indicava que a fuga fosse a solução mais segura. A ideia de que a Obra pudesse sofrer gravemente com esta partida repentina levou-o a seguir o conselho que lhe foi dado para que ficasse; arriscou assim a sua vida para que a Obra não sofresse. A 27 de Março foi detido sob a promessa de que estaria de regresso dentro de um quarto de hora, porque se tratava apenas de umas simples informações.»

Triste é dizer-se que Paulo Meyer fora denunciado por uma holandesa, a quem o casal tinha recebido em seu lar e ajudado. (2)

Encarcerado primeiro no forte de Montluc, prisão de Lyon, daqui transitou para a prisão de Fresnes. Em 10 de Junho foi levado para Compiègne e poucos dias depois para a Alemanha.

Refere seu irmão Oscar que «numa pequena mensagem que pôde enviar-me por outras mãos me dizia que era 'horrível', mas que, no entanto, tinha podido dar estudos bíblicos a seus companheiros de infortúnio.» (3)

A sua última mensagem foi escrita em 30 de Novembro de 1944, do campo de concentração de Hamburgo, dizendo que estava de boa saúde. «Por certo, era essa a fórmula imposta a todos, mas esta mensagem, redigida por seu próprio punho, indicava através da sua caligrafia fina e firme que devia ser verdade o que dizia.» (4)

Em Dezembro foi transferido para o campo de concentração de Dachau, onde contraiu grave enfermidade.

Uma mensagem de um amigo, datada de 11 de Fevereiro de 1945, anunciava a sua morte.

Segundo informação da Irmã Marta Meyer, sua viúva, «ele morreu de tifo», e acrescenta que «Alberto Meyer, irmão de Paulo, recebeu mais tarde uma carta do médico checo que o tratou até ao fim, na qual dizia que tinha feito todo o possível para o salvar, o que não pôde levar a efeito por falta de medicamentos.» (5)

A Irmã Marta Meyer, que pouco antes da morte do esposo perdera sua filha Myrthe, trabalha há 25 anos no Sanatório de La Lignière, em Gland, Suíça.

Na carta que recentemente nos escreveu, e a que já fizemos referência, menciona vários nomes de membros portugueses, uns falecidos e outros ainda vivos, de quem se recorda com saudade. E termina com estas palavras: «Creio que há ainda em Lisboa algumas pessoas que se recordam de mim, mas outras, mais novas do que eu, já repousam, e espero encontrá-las no Céu quando Jesus voltar. Que bela esperança!»

Para a Família Meyer vai o preito de gratidão da Igreja Adventista em Portugal.

Referências

(1) *Revista Adventista*, Lisboa, Novembro de 1945, pág. 12.

(2) Cfr. *Flee the Captor*, por Herbert Ford, Nashville, Tennessee (Southern Publishing Association), 1967, pág. 276.

(3) *Revista Adventista*, *ibid.*

(4) *Ibid.*

(5) Carta escrita por Marta Meyer a E. Ferreira em 5 de Março de 1979.

O Pastor H. W. Lowe

Envia-nos Suas Saudações

Dentre os pioneiros estrangeiros que durante as três primeiras décadas dirigiram a Obra em Portugal, o Pastor H. W. Lowe é o único que felizmente ainda vive.

Não quisemos, por isso, deixar de lhe escrever, convidando-o a redigir algumas palavras para este número comemorativo da Revista Adventista, ao que ele, com prontidão, em obediência a hábitos antigos, amavelmente acedeu.

Eis a mensagem que nos dirigiu:

Ao longo dos muitos anos já decorridos desde que deixei Portugal, tenho pensado com frequência nos crentes que aí aprendi a amar. Sou agora um ancião de 86 anos e num estado de saúde que não é dos melhores, e assim recordo com saudade esses felizes dias em que podia viajar e trabalhar alegremente com os meus irmãos na fé.

Quando cheguei a Lisboa em 1925, tivemos os nossos problemas, mas recebi muita ajuda dos fiéis crentes portugueses e o Senhor nos abençoou de muitas maneiras. Tem sido para mim motivo de maravilhosa alegria o ler acerca do progresso desde esses dias. Senti-me muito feliz a semana passada ao ler que há agora mais de 5000 membros em Portugal. Acompanho avidamente estas notícias, e nunca tenho cessado de orar pela nossa Obra em Portugal.

As notícias do mundo mostram hoje em dia múltiplos problemas por toda a parte, mas a Obra de Deus está avançando e será terminada com o poder do Espírito Santo, como sucedeu apesar dos grandes problemas que existiam por altura do Pentecostes.

Muitos dos meus velhos amigos em Portugal já faleceram, como também faleceu minha querida esposa há poucos anos, e os que restamos estamos ficando cada vez mais velhos. Mas devemos ficar firmes na fé em que nossos queridos morreram. O Senhor vai voltar em breve e trará a única solução verdadeira para as perturbações deste pobre e velho mundo.

Desejo encontrar-me com todos vós quando Jesus voltar. Entretanto, oremos uns pelos outros e regozijemo-nos em nosso amante Redentor.

Saudações sinceras e amor cristão para todos vós.

H. W. LOWE
Crystal Springs Manor
Deer Park, Califórnia 94 576
U. S. A.

JOSÉ ABELLA – SAUDOSO PASTOR DA IGREJA DO PORTO

José Abella foi o único obreiro adventista estrangeiro que veio a falecer em Portugal, após uma curta vida, toda ela dedicada ao serviço do Senhor, deixando entre os crentes portugueses a indelével recordação de um ministério exemplar.

Nascido em 24 de Janeiro de 1892 em Grañena de las Garrigas, na província de Lérida, em Espanha, trasladou-se, ainda muito jovem, para Sabadell, Barcelona, onde seus pais passaram a viver.

O seu nome figura entre os dos alunos da pequena e efémera escola que os pioneiros da Obra Adventista em Espanha, Frank e Walter Bond, ali abriram em 1903.



Pouco depois, em 29 de Junho de 1904, apenas com 12 anos de idade, desceu às águas, na primeira cerimónia baptismal realizada em Espanha, dirigida pelo Pastor B. G. Wilkinson.

Nesse mesmo ano foi adquirida a propriedade de «La Lignière», em Gland, na Suíça, onde imediatamente começou a funcionar o Seminário da União Latina, sob a direcção de Jean Vuilleumier. Depois de aqui ter estudado durante algum tempo, José Abella foi enviado em 1908 para a Argélia, para trabalhar como colportor ao lado de Ulisses Augsburg, e ali permaneceu cerca de ano e meio.

Depois de ter feito uma curta estadia em Portugal, também como colportor, por volta de 1910, regressou ao Norte de África, onde continuou trabalhando como colportor e evangelista — em Argel, Mostaganem, Relizane e Oran.

Em 1918, casou-se com a Irmã Antónia Mateu.

Em 1920, foi ordenado para o sagrado ministério na sessão da União Latina que teve lugar em Genève. Nesse mesmo ano, aceitou o chamado para trabalhar no Porto, onde passou os últimos oito anos de sua vida.

Como pastor desta igreja, sempre secundado por sua dedicada esposa, conduziu muitas almas a Cristo. As crianças e jovens sentiam-se de uma maneira particular compreendidos e estimados pelo casal Abella. O seu exemplo de integridade, de seriedade, de amor ao trabalho, de disciplina, de solicitude pelos enfermos, de respeito pelas normas da Igreja, de amor pelas almas, deixou frutos que ainda hoje perduram.

Ao começar a funcionar a União Ibérica em Janeiro de 1927, o Pastor Abella logo enviou notícias do Porto para a *Revista Adventista*, recém-criado órgão da referida União.

Passamos a transcrever na íntegra as suas palavras, que, como único artigo noticioso de sua autoria por nós conhecido, constituem notável documento histórico:

«É com alegria que saudamos pela primeira vez os nossos irmãos da península, por intermédio da *Revista Adventista*. Sentimo-nos felizes em poder dizer que participamos das esperanças e alegrias da obra do Senhor em todo o mundo.

Lembro-me e repito muitas vezes a comparação que ouvi ao irmão Spicer na Conferência de 1907, em Gland. 'O nosso trabalho consiste em fazer a instalação eléctrica que há-de iluminar o mundo e terminar a obra de Deus sobre a terra. Coloquemos os postes, fixemos os fios e as lâmpadas por todo o mundo e quando a instalação estiver pronta o Senhor derramará o Seu Espírito, que como poderosa corrente iluminará a terra com o resplendor da Sua glória.'

Sem dúvida que os irmãos da União Ibérica sentirão alegria em saber que aqui também estamos ocupados nos preparativos que no tempo devido hão-de iluminar o país. Tratámos de consolidar os postes e aumentá-los, ganhando novos membros; nisto o Senhor nos abençoou o ano passado. Tratámos de estabelecer a mesma doutrina e amor fraterno, e nisto vimos também a mão do Senhor realizando um bom progresso. Procurámos estabelecer as lâmpadas na melhor condição possível, trabalhando no aperfeiçoamento do carácter, a fim de que possam brilhar com vivo fulgor, e nesta parte também tivemos boas experiências. Temos, pois, nesta cidade

(Continua na pág. 39)

O Campo Português

Dentro da Organização Adventista

Desde a introdução da Mensagem Adventista em Portugal, o nosso campo tem estado integrado em diferentes organizações sucessivas, que passamos a mencionar.

União Latina

A União Latina foi formada em 1902 e funcionou até 1928. Os seus territórios compreendiam a Argélia, Bélgica, Espanha, França, Itália, Marrocos, Portugal e Suíça.

Esta União fazia parte da secção europeia da Conferência Geral, organizada como Divisão Europeia em 1913.

Da União Latina esteve directamente dependente Portugal até ao fim de 1926.

União Ibérica

A partir de 1 de Janeiro de 1927, começou a funcionar a União Ibérica, cuja criação havia sido decidida em Outubro do ano anterior, em Friedensau, Alemanha.

Constava esta União de três campos: Missão Espanhola do Oeste, com sede em Barcelona; Missão Espanhola do Leste, com sede em Madrid; e Missão Portuguesa, com sede em Lisboa. As duas Missões espanholas foram posteriormente reunidas numa só, em 1932.

Organizada a Divisão Sul-Europeia em 1928, com sede em Berne, ficou dela dependente a União Ibérica.

A União Ibérica teve os seguintes presidentes: L. J. Stene (1927-1928); R. Gerber (1928-1935); A. J. Girou (1935-1939).

La Revista Adventista, a partir de 1929 intitulada *Revista Adventista Ibérica*, foi o órgão oficial da União, com uma secção reservada em português para a colaboração da Missão Portuguesa.

A primeira Assembleia Geral da União Ibérica realizou-se de 5 a 8 de Maio de 1932, em Madrid, com a presença de 30 delegados, entre os quais 5 da Missão Portuguesa.

Ficaram nomeados como Departamentais da União: Missão Interior e Colportagem, J. C. Culpepper; Missionários Voluntários, O. C. Barrett; Escola Sabatina e Educação, Robert Gerber. Conselho da União: R. Gerber, O. C. Barrett, J. C. Culpepper, H. F. Neumann, R. Fitó, A. F. Raposo, João Struve.

Foram nomeados para a Missão Portuguesa: Director, H. F. Neumann; Secretário-Tesoureiro, A. F. Raposo; Departamentais: Missão Interior, Escola Sabatina e Missionários Voluntários, A. F. Raposo; Colportagem: Manuel Leal. Conselho da Missão: H. F. Neumann, A. F. Raposo, A. D. Gomes, M. Lourinho, E. P. Mansell. Sociedade Filantrópica Adventista: gerente, A. F. Raposo.

A última Assembleia da União teve lugar em Lisboa, de 1 a 9 de Abril de 1936, sob a direcção de A. J. Girou.

Devido às dificuldades criadas pela Guerra Civil espanhola, que se estendeu de 1936 a 1939, a União Ibérica foi desmembrada em 1939, passando neste ano a Espanha a constituir um território directamente dependente da Divisão (um «detached field»).

União Portuguesa

A União Portuguesa foi organizada em 21 de Setembro de 1939, integrada na Divisão Sul-Europeia, tendo A. J. Girou como presidente e Pedro B. Ribeiro como secretário-tesoureiro. Os campos que a constituíam ficaram com os seguintes presidentes: Conferência Portuguesa, A. Dias Gomes; Madeira, E. V. Hermanson; Açores, E. P. Mansell; Cabo Verde, A. F. Raposo; São Tomé, José Freire.

Em 1959, a Missão de São Tomé passou a fazer parte da União Angolana, contando nessa data membros.

Foram presidentes da União Portuguesa: A. J. Girou (1939-1941), A. Dias Gomes (1941-1950), E. Ferreira (1950-1957), Pedro B. Ribeiro, interinamente (1958), Armando Casaca (1959-1969), E. Ferreira (1969-1971).

União Sul-Europeia

A União Sul-Europeia, com sede em Roma, começou a funcionar em 1 de Janeiro de 1972, integrada pelas seguintes Missões: Espanha, Grécia, Israel, Itália e Portugal.

Em Janeiro de 1974, os territórios de Cabo Verde e Guiné, que à data contavam 477 membros, foram desmembrados da Missão Portuguesa, para passarem a constituir a Missão de Cabo Verde e Guiné.

Presidentes da União Sul-Europeia: Samuel Monnier (1972-1975), Eliseo Cupertino (1975-...).

75 Anos de Existência da Igreja Adventista em Portugal

Foi há setenta e cinco anos, em 26 de Setembro de 1904, que chegou a Lisboa o pioneiro da Obra Adventista em Portugal — Clarence Emerson Rentfro.

Logo começou a estabelecer contactos pessoais, tomando como pretexto as lições de Inglês que ministrava e a distribuição de literatura adventista.

Perto de dois anos se passaram até que a primeira pessoa começasse a guardar o Sábado. Tratava-se da sr.^a Lucy Portugal, de nacionalidade inglesa, viúva do actor Portugal. A propósito, escrevia o Ir. Rentfro, em 19 de Maio de 1906, no seu diário: «A sr.^a Lucy Portugal começou a guarda do Sábado. Os nossos corações regozijam-se. Primeira crente em Portugal.»

Em sua casa, na Rua dos Industriais, 9, 2.º, se realizou a primeira Escola Sabatina no nosso país.

Em Junho desse mesmo ano, chegava a Lisboa, vindo do Brasil, o Ir. Ernesto Schwantes, com sua esposa e filha.



Edifício onde funcionou a primeira Igreja Adventista em Portugal



Interior de uma sala do prédio onde se realizou a primeira Escola Sabatina em Portugal

Pouco depois, em 21 de Setembro, tinha lugar a primeira sessão baptismal em terra lusa. Além de Lucy Portugal ⁽¹⁾, desceram às águas Maria Morgado de Figueiredo, António Vitor de Figueiredo e Alberto Carlos de Figueiredo, ganhos através da distribuição de folhetos. A cerimónia, em que ministrou o Irmão Schwantes, realizou-se na praia de Carcavelos e foi levada a efeito já de noite, em virtude de um dos candidatos, o último acima mencionado, ser ainda jovem e se recearem dificuldades com as autoridades.

No dia seguinte, era aberta ao público a nossa primeira sala de culto, no primeiro andar da casa azulejada que ainda se vê na Rua de S. Bernardo, à Estrela, n.º 20. O facto foi assinalado pela celebração da Santa Ceia.

Em 8 de Dezembro do mesmo ano, novos baptizados se realizaram, debaixo de chuva, na mesma praia, desta vez pelo meio-dia. Os



Antigos membros da Escola Sabatina de Lisboa com o Pastor Paulo Meyer

candidatos foram João Baptista Figueiredo e sua esposa Maria da Conceição Figueiredo.

No decurso desse mesmo ano de 1906 entrara em contacto com a Mensagem, enquanto recebia lições de Inglês do Ir. Rentfro, o jovem Alberto Fernandes Raposo, que mais tarde seria baptizado em Manchester, Inglaterra, e, depois de ter estudado Teologia no então Seminário de Gland, iniciaria em 1914 a sua frutuosa carreira de obreiro em Portugal.

Entretanto, ainda em 1906, fixava-se no Porto o Ir. E. Schwantes, abrindo uma sala de culto na Rua do Bonfim, n.º 124. Os primeiros baptismos do Norte realizaram-se no ano seguinte, em 1907, na praia da Aguda, perto de Espinho. Desceram então às águas Joaquim Dias Gomes e sua esposa, pais de António Dias Gomes, que viria mais tarde a presidir à Obra em Portugal, e um jovem, João de Sá Pereira do Lago, que se tornou o primeiro colportor português e o primeiro missionário português em Angola, residindo actualmente em França.

Para avaliar a impressão que ao público daria o Movimento, é interessante a leitura de alguns parágrafos da *Ilustração Portuguesa*, de 15 de Abril de 1907, no artigo escrito pelo repórter Benoliel e intitulado «Nova Religião em Portugal — A Igreja Adventista»:

«...A religião adventista, que há três anos apareceu em Lisboa, é um desses rebentos da árvore evangélica, novo de pouco mais de meio século. ...O apóstolo incumbido de nos trazer a boa nova foi o Sr. Rentfro, que desde Setembro de 1904 se acha entre nós a pregá-la, tendo conseguido já obter uma dúzia incompleta de adeptos...»

Depois de apresentar à sua maneira, não sem uma ponta de ironia, a doutrina adventista, conclui:

«Tal é a doutrina que se prega, às quartas-feiras e sábados, na modesta sala de uma casa vulgar da Rua de S. Bernardo, onde está o templo adventista. Esse templo não possui

imagens, e a sua decoração é simples, consistindo principalmente em panos pintados, onde estão inscritos versículos do Velho e Novo Testamento, e números para a comparação de diversos textos bíblicos entre si, ou desenhadas figuras cujo significado simbólico não é, por vezes, muito fácil de apreender.» (2)

Nesse mesmo ano de 1907, publicava-se em Portugal a primeira obra adventista, com o título «O Preceptor da Bíblia no Lar», tradução portuguesa de «The Family Bible Teacher». Impressa na Tipografia Peninsular, da Rua de S. Crispim, n.º 20, do Porto, era composta de 28 estudos sobre doutrinas bíblicas e tinha 124 páginas.

Dois anos mais tarde, em Agosto de 1909, o Pastor C. E. Rentfro podia apresentar o seguinte relatório na Assembleia da União Latina: «No decurso destes dois últimos anos, tivemos reuniões em Lisboa e no Porto, as duas principais cidades de Portugal. Na primeira temos um local com uma centena de lugares; o auditório varia entre quarenta e cinquenta pessoas. As reuniões têm lugar quatro vezes por semana, incluindo o Sábado. Em Janeiro, tivemos três baptismos; outras três pessoas foram baptizadas em Junho. Outras sê-lo-ão em breve. Depois da partida de Ernesto Schwantes para o Brasil [o que sucedeu no início desse ano de 1909], fui secundado por um colportor. Desfrutamos completa liberdade em Portugal, e aproveitamos esse privilégio para espalhar a verdade.»

O Pastor C. E. Rentfro esteve à testa da Obra em Portugal até 1917, data em que foi substituído por Paul Meyer, que viera em 1910 e dirigiu o Movimento até Abril de 1924. Em Novembro desse ano seria dedicado o primeiro templo possuído pela Igreja no nosso país — o edifício da Rua Joaquim Bonifácio, 17.

Como nota pitoresca da maneira como alguns olhavam, por esse tempo, para os



Grupo de membros de Lisboa em 1925

Adventistas do Sétimo Dia, transcrevemos o que na sua obra *A Invasão dos Judeus* escreveu Mário Saa: «Outra boa porção de cristãos-novos, principalmente em Lisboa, vai filiar-se em novas religiões, a disciplinar sua própria religiosidade anti-católica, mas perfeitamente cristã. Haja em vista os prosélitos da religião dos *Adventícios do 7.º Dia*, que são, ainda nisto, os cristãos novos a apossarem-se dum cristianismo integral, cristianismo judaico, contra o cristianismo dos moldes romanos. Esta religião é paralela daquela *mestiçagem religiosa* que outrora professavam os cristãos-novos. Esta religião,



Irmã Lucy Portugal

que acredita na divindade de Jesus, esperando, entretanto, a sua segunda vinda — e que, como a judaica, guarda os sábados e faz abstinência da carne de porco —, parece uma religião destinada às duas, destinada às exigências duma e doutra. Deveu ela originar-se nesta espécie de transigência religiosa, que houveram de professar os cristãos-novos perante o cristianismo dos latinos. A *Missão dos Adventícios do 7.º Dia* está em Portugal desde 1903, e tem aqui como chefe e sacerdote o lídimo judeu Paul Meyer. A centena de adeptos que tem reunido é de origem judaica, como nitidamente se revela. *Judeus cristãos-novos, sem o saberem*, fora apenas a imperiosa voz da raça a força que os conduziu àquele meio termo religioso: é plebe



Membros de Lisboa em 1920

judaica, — e plebe, sim, como o requer o início de toda a religião. ...

«Com a *Igreja dos Adventícios do 7.º Dia* dá-se o regresso integral ao primeiro cristianismo, — o da Judeia! Esta religião é muito menos dissidência de Israel, que dissidência da religião católica, sendo entretanto a dissidência duma e doutra. É singular a vocação profética que acompanha os neófitos da nova Igreja: são os mais messiânicos de toda a Terra; a sua grande bíblia é o Apocalipse; é uma religião essencialmente apocalíptica! São eles que fazem essas frequentes publicações, *mais ou menos* intituladas SINAIS DOS TEMPOS! Numa delas é escrita a próxima realização do *Quinto Império*, presságio do acabamento do Mundo; aí se diz também que será feito por *Judeus e Portugueses!*» (3)

Como o leitor terá sem dúvida constatado, Mário Saa conseguiu produzir em poucas linhas uma autêntica obra-prima de imaginação desregrada e de afirmações gratuitas.

Mas voltemos à história do Movimento Adventista em Portugal.

A Paul Meyer sucedeu, como presidente da Missão Portuguesa, Júlio César Guenin, que entre nós se demorou apenas aproximadamente um ano — até 1 de Junho de 1925. Daqui voltou para França, onde desempenhou



Alguns dos primeiros crentes de Portalegre, vendo-se ao centro, em cima, o Irmão Paulo Meyer



Antigos membros da igreja de Portalegre

várias responsabilidades, vindo a falecer em 1965, com 82 anos, após uma carreira de frutífero ministério.

Ao Pastor Guenin sucedeu H. W. Lowe, como presidente, em 1925. Foi durante o seu mandato que se organizou a União Ibérica, em Janeiro de 1927. A partir desse ano, houve na *Revista Adventista*, órgão da União publicado em Barcelona, uma secção reservada à colaboração da Missão Portuguesa, na nossa língua. Para ela enviava regularmente o Pastor Lowe notícias da Obra em Portugal, até meados de 1928, data em que regressou a Inglaterra, para ali assumir novas responsabilidades. Do seu país transitou mais tarde para a Conferência Geral. Noutro local desta *Revista* pode ler-se a mensagem que ele escreveu recentemente para os crentes no nosso país.

Desde a saída do Pastor Lowe até 1930, a Missão Portuguesa passa por um período de transição, aguardando a nomeação de novo presidente. Interinamente desempenhou essas funções o secretário-tesoureiro de então, Pastor Alberto F. Raposo.

Eis o interessante juízo que de nós faz por essa altura, em 20 de Fevereiro de 1930, o *Diário de Lisboa*, pela pena do seu redactor Aprígio Mafra:



Junto da capela da Ribeira de Nisa

«Na Rua Joaquim Bonifácio, para os lados da Estefânia, há uma igreja que, vista por fora, lembra um teatro ou um museu. Muito limpa, muito gentil, muito airosa, é lá que têm a sua sede os Adventistas de Lisboa e os seus irmãos em crenças espalhados pelo País, num total de 228.

«São poucos ainda; mas com tanta fé evangelizam, com tanta persistência trabalham na propagação da sua doutrina que, dentro em pouco, a avaliar pelos progressos realizados já, bem pode acontecer que milhares de adeptos se lhes associem.

«Na capital há, por enquanto, 128 adventistas com cinco ministros que equivalem aos sacerdotes católicos na prática do culto...



Igreja do Porto

«O sr. Alberto Fernandes Raposo, o sr. António Dias Gomes, o sr. Manuel Lourinho, o sr. Fernando Simões e o sr. Júlio Miñán, espanhol, são os padres deste culto interessante que tem por fim anunciar ao Mundo a volta de Cristo nesta geração, e, por causa dela e das suas consequências, a necessidade de uma verdadeira preparação espiritual e física, realizada pelo abandono completo de todos os vícios e pela prática da religião segundo os Evangelhos.»

Durante a Assembleia da Missão Portuguesa, que teve lugar de 26 a 30 de Março

de 1930, em Lisboa, chegou H. F. Neumann, novo presidente do campo português, com sua esposa e seus dois filhos. Logo falou no nosso idioma, pois o havia aprendido no Brasil, onde trabalhara durante três anos.

Depois de pouco mais de sete anos passados entre nós, ultimamente como pastor das igrejas do Porto e Coimbra, regressou à sua pátria, Estados Unidos, no segundo semestre de 1937, com sua esposa, que se encontrava doente, e seu filho Óscar. Podemos ler no *Mensageiro do Advento* de então: «Retiram com pena e deixam atrás de si a simpática tristeza dos que com eles conviveram.» No mesmo periódico despedia-se o nosso irmão com as seguintes palavras: «Posso dizer com sinceridade que vos deixo com tristeza. Só o estado de saúde da irmã Neumann e meu me obrigam a tomar esta decisão. Após uma visita aos nossos parentes e conhecidos, após uma ausência de sete anos, gostaria de continuar a trabalhar pelo povo português, a quem aprendi a amar e compreender.»

O Pastor Neumann faleceu recentemente, no dia 27 de Outubro de 1978, em Sacramento, Califórnia, tendo completado poucos dias antes, em 2 de Setembro, o seu 100.º aniversário. Descansou tranquilamente, sem o mínimo sinal de agonia, quando estava dando um passeio matinal na companhia de sua filha Talitha. Ficou sepultado em Loma Linda, junto de sua esposa.

O dia 26 de Maio de 1935 constitui uma data histórica. A Missão Portuguesa saía do seu casulo e era elevada à categoria de Conferência. Datam de então os seus Estatutos, oficialmente reconhecidos. A sua frente, como presidente, ficava António Dias Gomes; como secretário-tesoureiro, Pedro Brito Ribeiro; como vogais do Conselho, H. F. Neumann, Manuel Lourinho e Manuel Leal.

Nos anos seguintes observou-se um notável desenvolvimento da Obra em Portugal, o que levou A. Homem do Carmo a escrever na revista católica *Brotéria*, em 1939: «Uma das seitas mais activas em colher adeptos é a dos Adventistas do Sétimo Dia.» (4)



Na Assembleia da Conferência Portuguesa de 1935



Obreiros da União Ibérica reunidos em Lisboa, em 1936

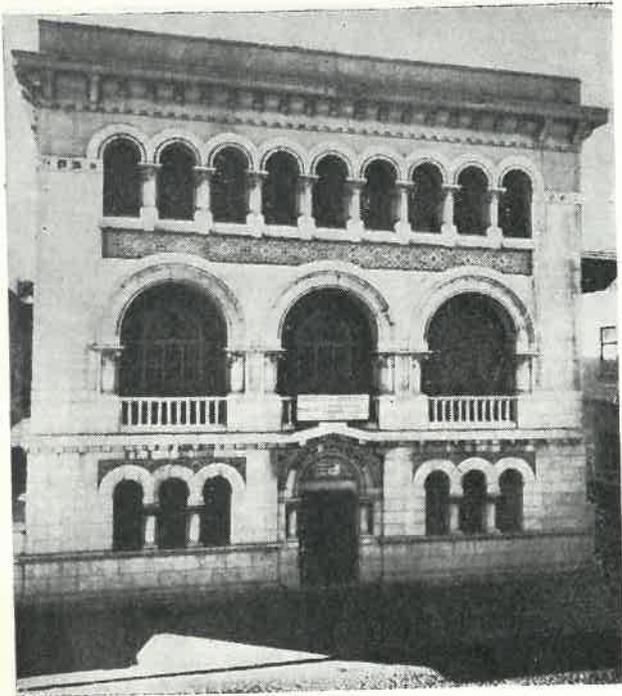
Em 21 de Setembro de 1939, passava-se uma nova data histórica — a da criação da União Portuguesa, ficando nela incorporados os campos da Conferência Portuguesa e das Missões da Madeira, Açores, Cabo Verde e São Tomé. Foi seu primeiro presidente A. J. Girou, que desempenhou esse cargo até Fevereiro de 1941, ano em que regressou a França onde há pouco faleceu.

Na Assembleia que se realizou de 18 a 20 de Fevereiro de 1941, em Lisboa, foi nomeado o Pastor A. Dias Gomes como presidente da União Portuguesa. Nesse mesmo mês foram legalmente reconhecidos os respectivos Estatutos. O Conselho Director da União Portuguesa ficou com a seguinte composição: Presidente, António Dias Gomes; Secretário-Tesoureiro, Pedro Brito Ribeiro; Vogais, Alberto F. Raposo, E. V. Hermanson, Manuel Leal, José Freire e Manuel Lourinho. Desde essa altura, até fins de 1943, ficou como presidente da Conferência Portuguesa E. V. Hermanson, que posteriormente trabalhou no Seminário de Portalegre e como missionário em Angola encontrando-se hoje aposentado nos Estados Unidos.

O Pastor A. Dias Gomes continuou como presidente da União até 1950. Durante o seu mandato a Obra experimentou um forte impulso, designadamente nos sectores da evangelização pública, da expansão missionária



Grupo de obreiros em 1939



Igreja de Lisboa

ultramarina, das escolas, publicações e do trabalho em favor dos jovens.

Tendo sido chamado nesse ano para a Divisão Sul-Europeia, como secretário do Departamento da Escola Sabatina, ali permaneceu até 1955, encontrando-se actualmente aposentado.

Em 1950, foi nomeado como presidente da União Portuguesa o Pastor Ernesto Ferreira, que desempenhou essas funções até ao fim de 1957, altura em que foi nomeado presidente da União Angolana.

Durante o ano de 1958 foi presidente interino da União o Pastor Pedro Brito Ribeiro. No fim desse ano era nomeado o novo presidente, Armando José Simão Casaca, que em Janeiro de 1959 chegou a Lisboa, vindo de Angola, onde durante largo tempo trabalhara como missionário.

Desde o começo de 1969 foi o Pastor Casaca nomeado presidente da União de Angola, responsabilidade deixada nessa altura por Ernesto Ferreira, a quem pela segunda vez foi confiada a presidência da União Portuguesa até Outubro de 1974, data em que foi chamado para professor e director do Departamento de Teologia do Seminário Adventista de Sagunto, em Espanha.

Entretanto, pela criação da União Sul-Europeia, com sede em Roma, em Janeiro de 1972, a União Portuguesa passou à situação de Missão, vindo a ser-lhe reconhecida mais tarde, em 1975, a situação de Conferência, que ainda mantém.

Em fins de 1974, António Simão Lopes Baião foi nomeado presidente da Associação

Portuguesa, tendo permanecido nessas funções até Fevereiro de 1977.

Nesse mesmo ano, Ernesto Ferreira foi chamado a dirigir, pela terceira vez, o nosso campo até à Assembleia da Associação, que terá lugar neste corrente mês de Julho de 1979.

Durante os transactos setenta e cinco anos de actividade, o progresso do Movimento Adventista em Portugal exprime-se pelos seguintes números:

	<i>Igrejas</i>	<i>Membros</i>
1904	—	2
1914	2	65
1924	4	167
1934	5	277
1944	16	871
1954	21	2003
1964	31	2886
1974	34	4149
1978	42	5079

(*) Em Janeiro de 1974 haviam transitado para a Missão de Cabo Verde e Guiné, então desmembrada do campo português, 4 igrejas e 477 membros.

*

Ao revermos a maneira como Deus tem dirigido a Sua Obra em Portugal, temos sobrados motivos para Lhe testemunhar o nosso reconhecimento.

Mas cumpre-nos reconhecer, também, que tem sido pouca a nossa fé e demasiado modestos os nossos esforços e muito mais há a realizar para estarmos à altura da missão que Deus nos confiou.

Que a comemoração deste 75.º aniversário nos desperte para maiores consecuições sob a direcção divina!

Referências

(1) A Ir. Lucy Portugal durante muitos anos exerceu com fidelidade as funções de secretária e tesoureira da igreja de Lisboa. Faleceu em 26 de Novembro de 1927, com a idade de 82 anos. Foi sepultada no cemitério inglês, em Lisboa. Ver notícia em *La Revista Adventista*, 1927, n.º 6, pág. 8.

(2) *Ilustração Portuguesa*, 15 de Abril de 1907, págs. 469, 470.

(3) Mário Saa, *A Invasão dos Judeus*, Lisboa, 1925, páginas 245 e 246. Em publicação anterior. (*Portugal Cristão-Novo*, Lisboa, 1921, págs. 4 e 5). já Mário Saa havia dado acerca do Ir. Abel Gomes, da igreja de Lisboa, a seguinte peregrina notícia: «Um homem do concelho de Mangualde, descendente, sem que ele o soubesse, de cristãos-novos, vem para Lisboa, e, pelo impulso do sangue, é levado ao misticismo da Sinagoga; e ele aí está, seguindo os ritos hebraicos, entre os chamados *Adventícios do Sétimo Dia*, sinagoga de cristãos-novos, na Rua do Gastão (sic), 15, a Santa Apolónia! É o torneiro Abel Gomes, da Rua de São Bento, um tipo morfológico de judeu, e com antepassados condenados pelo Santo Ofício!»

(4) A. Homem do Carmo, «Os Adventistas do Sétimo Dia», art. publicado em *Brotéria*, Junho de 1939, pág. 667.



C. E. RENTFRO
1904 - 1917



H. W. LOWE
1925 - 1928

Presidentes do Campo Português



PAUL MEYER
1917 - 1924



J. C. GUENIN
1924 - 1925



A. F. RAPOSO
Interino
1928 - 1930



A. J. GIROU
1939 - 1941



H. F. NEUMANN
1930 - 1935



A. DIAS GOMES
1935 - 1939; 1941 - 1950



E. FERREIRA
1950 - 1957; 1969 - 1974;
1977 - 1979



P. B. RIBEIRO
Interino
1958



A. J. S. CASACA
1959 - 1968



A. J. S. BAIÃO
1974 - 1977



J. B. SANTOS
Interino
Março-Junho 1977

A Obra de Publicações em Portugal

A Irmã E. G. White acabava de ser arrebatada em visão. Principiando, com ansiedade, por referir-se às trevas que se lhe apresentavam, apenas balbuciava: «Escuro! Escuro! Tudo escuro! Tão escuro!» Em breve, porém, após uns momentos de silêncio, o seu rosto se iluminou e exclamou, com voz alegre: «Uma luz! Uma luzinha! Mais luz! Muita luz!»

Terminada a visão, descreveu as condições do mundo, tais como lhe tinham sido apresentadas, cheio de erros, superstições, tradições falsas e materialismo. Mencionou em seguida como vira luzes que brilhavam no meio das trevas, aumentando em fulgor e em número, uma dando origem a outra, até que o mundo inteiro foi iluminado.

Naquela mesma noite, na reunião que teve lugar na igreja de Battle Creek, E. G. White anunciou que lhe tinham sido mostrados no-

vos métodos e possibilidades para a pregação do Evangelho em todo o mundo, e que havia observado casas publicadoras por toda a parte imprimindo periódicos, folhetos, livros e outras publicações religiosas.

Esta visão teve lugar em 3 de Janeiro de 1875, quando havia apenas uma casa editora em toda a Igreja Adventista.

Em cumprimento da profecia, hoje, por todo o mundo, incluindo Portugal, a mensagem adventista é anunciada através de folhetos, livros e revistas, por meio do ministério de casas publicadoras e de colportores.

Como não podia deixar de ser, a obra de publicações tem desempenhado um papel preponderante desde o início da Igreja Adventista em Portugal.

Passamos a mencionar, sumariamente, o que tem sido feito neste sector das nossas actividades.

Livros

Autor	Título	publicação Ano de	Número de páginas	Tiragem
—	O Preceptor da Bíblia no Lar	1907	124	?
—	O Glorioso Aparecimento de Cristo	1913	90	2 000
J. Vuilleumier	A Expectativa do Mundo	1921	114	5 000
Luís A. Hansen	Epidemias — Como Combatê-las (4 edições)	1922	128	40 000
Carlyle B. Haynes	Espiritismo ou Cristianismo?	1923	128	10 000
A. O. Tait	Arautos do Porvir	1924	354	8 000
A. C. Selmon	Saúde e Longevidade	1929	360	7 000
—	Manual do Baptismo	1930	56	10 000
—	Pérolas Esparsas	1930	238	5 000
Alonzo L. Baker	O Futuro Império Universal	1931	124	8 000
W. A. Spicer	Nossa Época e o Destino do Mundo	1931	374	6 500
C. L. Taylor	Uma Verdade Desconhecida (4 edições)	1931	128	42 500
A. Dias Gomes	A Reforma do Calendário	1931	48	7 000
—	Em Busca da Verdade	1933	136	8 500
Marcelo I Fayard	As Grandes Lições da Crise	1933	128	8 500
Frederico Rossiter	Guia Prático da Saúde	1934	588	6 000
J. L. Shuler	O Próximo Conflito	1935	128	8 000
Daniel H. Kress	O Tabaco à Luz da Medicina Moderna	1935	100	8 000
—	Lobos da Sociedade	1935	120	8 000
Arthur S. Maxwell	A Hora Mais Crítica da História	1935	436	6 000
—	Hinário Adventista (2 edições)	1937	404	6 500
A. W. Spalding	Educação na Pré-Adolescência	1937	422	8 000
e B. W. Comstock	Harmonias da Natureza	1938	182	8 000
A. J. Girou	Saúde do Espírito (2 edições)	1939	168	16 000
E. G. White	Saúde do Corpo (2 edições)	1939	208	16 000
Luís A. Hansen	Aos Pés de Cristo (3 edições)	1940	196	28 500
E. G. White	Filhos do Macaco ou Filhos de Deus?	1940	248	8 000
A. J. Girou	Noções Sobre a Arte de Viver	1941	240	6 000
Maurice Tièche	O Médico do Lar	1944	574	8 000
H. O. Swartout	As Profecias do Apocalipse	1945	392	5 000
Uriah Smith	Crepúsculo ou Aurora?	1946	192	10 000
W. R. Beach	Como Funciona a Nossa Mente	1947	208	7 000
Gwinne Dalrymple	Basta o Amor?	1949	224	5 000
B. W. Comstock	O Conselheiro Médico	1950	288	6 000
H. O. Swartout	Nós e Nossos Filhos	1951	212	10 000
W. R. Beach	Aspectos da Idade Atómica	1952	256	10 000
D. Hammerly Dupuy	O Bebê	1953	240	11 250
Elisa Sommer				

—	Crianças e Animais	1953	128	11 250
Maurice Tièche	A Vida e Seus Problemas	1954	224	8 000
E. G. White	O Desejado de Todas as Nações	1954	—	5 000
E. G. White	O Conflito dos Séculos	1955	140	5 000
—	O Que Nos Reserva o Futuro	1959	50	10 000
—	Manual de Doutrina	1960	50	5 000
Pierre Lanarès	Quem Dominará o Mundo? (2 edições)	1960	310	14 000
Maurice Tièche	A Educação Dará os Seus Frutos	1962	270	10 000
Harold Shryock	Companheiros de Jornada (9 edições)	1964	280	48 000
Maurice Tièche	Guia Prático da Educação (9 edições)	1965	606	66 000
J. Abella	Laboratório da Saúde (2 edições)	1966	254	20 000
Fernando Chaij	Libertação	1967	540	10 000
Harold Shryock	Para Uma Vida Melhor (3 edições)	1968	370	31 220
Leonard C. Lee	Achei o Caminho	1969	126	10 000
Ellen G. White	Vida de Jesus	1970	136	11 000
—	A Justificação Pela Fé	1971	48	1 000
Ernesto Ferreira	O Senhor Vem	1971	176	11 000
Pierre Lanarès	Os Segredos do Amor	1971	352	16 480
W. H. Branson	O Caminho para Cristo	1972	128	10 000
—	Luz para o Nosso Tempo	1973	152	7 000
—	Manual de Doutrina	1973	48	5 000
Ernest Schneider	A Saúde pelos Alimentos (8 edições)	1973	490	150 500
M. E. Rees	Eu Trabalho para Deus	1974	58	3 000
Carlos A. Trezza	A Suprema Esperança do Homem	1974	164	10 000
E. M. Berger e O. Beskow	Escravos do Século XX (2 edições)	1975	152	18 000
E. G. White	O Grande Conflito (2 edições)	1975	560	20 000
Maurice Tièche	Guia de Formação Pessoal (3 edições)	1976	330	28 000
—	Juventude Ameaçada	1976	164	20 000
—	Cantai ao Senhor	—	—	—
Ernest Schneider	A Saúde pelos Tratamentos Naturais (2 edições)	1977	441	5 000
—	—	1977	416	50 000
E. G. White	A Solução é Cristo	1978	96	50 000
—	Como Testemunhar de Cristo	1978	83	5 000
Roy A. Anderson	O Apocalipse Revelado	1978	224	4 500
E. G. White	O Lar Adventista	1978	576	3 000
E. G. White	Orientação da Criança	1979	624	2 000
E. G. White	Temperança	1979	304	1 000

Folhetos

Além destes livros, numerosos folhetos foram publicados, alguns com repetidas edições. Mencionaremos os seguintes:

Marcos Miliários no Caminho da Vida, 1910, 16 páginas.

O Segredo da Saúde, por F. A. Forest, 1911, 48 páginas (2 edições).

Queríamos Ver Jesus, 1911, 16 páginas.

Sinais dos Tempos, 1911, 16 páginas.

A Guerra Universal e o Destino das Nações, por Paul Meyer, 1913, 32 páginas. Este folheto teve cinco edições, aparecendo a última com o seguinte título: *A Paz Universal e o Destino das Nações* (30 000 exemplares).

A Nossa Fé, por Paul Meyer, 1917, 16 páginas.

O Espiritismo, por Jean Vuilleumier, 1919, 16 páginas.

Vinde e Mim, por E. G. White, 1922, 16 páginas.

Cristo Volta na Nossa Geração, por A. Andross, 1923, 48 páginas (3 edições).

Problemas para os Sabatistas, por A. Dias Gomes, 1934, 16 páginas.

Os Adventistas do Sétimo Dia e a Expição, por Ernesto Ferreira, 1956, 16 páginas (2 edições).

O Dízimo do Senhor, por Ernesto Ferreira, 1959, 16 páginas.

A Imortalidade à Luz do Texto Sagrado, por A. F. Raposo, 16 páginas.

É a Alma Imortal?, por A. F. Raposo, 1973, 32 páginas.

A Verdade Divina, por A. F. Raposo, 1973, 32 páginas.

Para onde os Concílios Levam a Igreja?, por A. F. Raposo, 1973, 36 páginas.

Em 1932, saiu uma série de 18 folhetos, sem título geral, de 8 páginas cada.

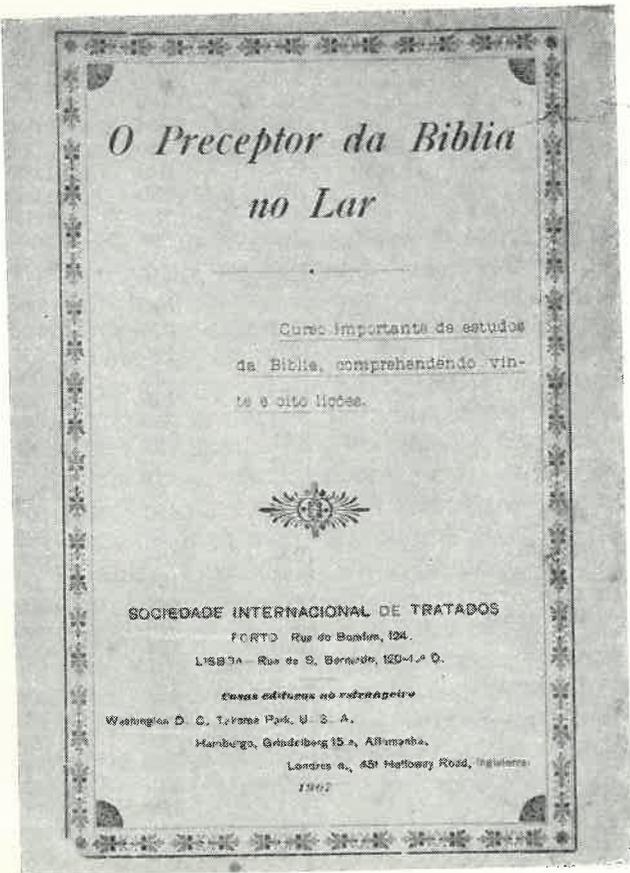
Esta série foi substituída em 1936 por outra em formato maior, intitulada *Verdades Eternas*, de 20 folhetos, cada um dos quais em geral com 4 páginas.

Em 1947, começou a ser publicada uma nova série, de 22 folhetos, pequenos, de 16 páginas, igualmente intitulada *Verdades Eternas*, de cujo conjunto saíram cerca de 500 000 exemplares.

Finalmente, em 1956, foi publicada uma terceira série de 15 folhetos, também intitulada *Verdades Eternas*, que ainda hoje está sendo utilizada.

Publicações Periódicas

A mais antiga revista adventista que se publicou em Portugal foi *Os Sinais dos Tempos*. Os primeiros números, poucos, saíram sem



Capa do primeiro livro adventista impresso em Portugal

data, irregularmente, de 1911 a 1915. Voltou depois a publicar-se, saindo também irregularmente, com o subtítulo de «Revista Profética Portuguesa», durante os anos de 1923 a 1925.

De 1932 a 1937 publicou-se, primeiro em formato de revista e depois como jornal, o *Mensagem do Advento*. Saíram ao todo 21 números. Em 1938 e 1939 seguiram-se três números da *Revista Adventista*.

Em Maio de 1940, a *Revista Adventista*, como órgão da União Portuguesa, começou a sua publicação regular, que se tem mantido até ao presente.

Em 1942, iniciou-se a publicação da revista *Saúde e Lar*, a princípio trimestral, depois bimestral e, desde 1953, mensal. A sua tiragem actual é de 28 000 exemplares.

Desde 1951, estamos publicando o trimesário *Lições da Escola Sabatina*, que anteriormente recebíamos do Brasil.

A Campanha das Missões, que se iniciou no nosso país em 1921, fez-se sempre com um número especial, que a partir de 1973, por imposição da lei portuguesa, passou a assumir o carácter de publicação periódica independente, sob o título de *Caridade em Acção*.

Finalmente, em 1978, nasceu uma nova revista, *Consciência e Liberdade*, com 96 páginas, órgão da Secção Portuguesa da Associação Internacional para a Defesa da Liberdade Religiosa.

Casa Publicadora

A Casa Publicadora funcionou na sede da Obra em Portugal até 1941, ano em que se constituiu a *Publicadora Atlântico*, primeiro como sociedade por quotas, e mais tarde, a partir de 1963, como sociedade anónima.

A primeira sede da *Publicadora Atlântico* foi na Praça Ilha do Faial, 1-B, em Lisboa, dali transitando, sucessivamente, para a Rua Alexandre Braga, 16, r/c, Dt.º, para a Avenida General Roçadas, 36, r/c, e para a Rua Salvador Allende, lote 18, Sacavém, onde actualmente se encontra.

Foram seus gerentes até ao presente: Pedro Brito Ribeiro (1941-1963) e Samuel dos Reis (1963-...).

O Ministério da Colportagem

Embora desde cedo tenha havido colportores, só a partir de 1923 é mencionado no *Year Book* o respectivo Departamento, tendo A. F. Raposo como responsável.

Para avaliar a evolução deste Departamento, será interessante comparar os totais de vendas dos seguintes anos:

1925	38 942 05
1935	170 996 00
1945	110 202 50
1955	394 238 00
1965	1 049 924 00
1975	7 442 557 00
1978	21 184 882 00

Durante o ano de 1978, trabalharam no ministério da página impressa: colportores acreditados — 36; autorizados — 7; estagiários — 11; estudantes — 23; ocasionais — 25. Total — 102.

(Continua na pág. 29)



1927 — Primeiro Curso de Colportores em Portugal

ACIDENTADA HISTÓRIA DAS NOSSAS ESCOLAS

A história das nossas escolas, desde que em 1935 se decidiu abrir a primeira escola primária, tem sido extremamente acidentada. Isso se deveu sobretudo, durante largos anos, às restrições impostas por um regime político que manifestava constante relutância em reconhecer o sistema educativo adventista.

Escolas Primárias

A mais antiga decisão que conhecemos relacionada com a abertura de um estabelecimento de ensino adventista em Portugal foi tomada em 9 de Março de 1935, data em que, conforme lemos no livro de Actas da Igreja de Lisboa, «a igreja se comprometeu solenemente diante de Deus a manter à custa de qualquer sacrifício a Escola Primária a estabelecer no edifício. Aprovou também a nomeação da seguinte direcção para gerir os assuntos da mesma: A. Dias Gomes, Mesquita Jané, José Graça, Prof. Ana Temudo Nunes».

Com efeito, logo em Outubro seguinte abria a escola primária de Lisboa, com 39 alunos e com a designação de «Instituto Académico Adventista». O alvará, com autorização de ensino para os dois sexos, tem a data de 27 de Março de 1936, figurando como director A. Dias Gomes. Em 1941, passa a Dr.^a Rosa Patrício Raposo a desempenhar as funções de directora.

A partir de 1941, teve de se optar pelo sexo feminino, em virtude de um decreto então publicado, que proibia a coeducação dos sexos nas escolas, o que veio a tornar mais restrito o número de inscrições e a impossibilitar o cumprimento do dever da igreja para com suas crianças do sexo masculino.

Em 1943, o estabelecimento muda a sua designação para «Escola de S. Paulo», e tem como directora Maria Celestina Galvão Lourenço. Mais tarde, em 1951, a designação da escola é mudada para a de «Externato de S. Paulo». De 1969 a 1975 desempenhou as funções de directora a Ir. Capitolina Teixeira Brazão Grave. Ultimamente, graças ao alargamento de várias leis, passou a ministrar-se o ensino a ambos os sexos.

Em 1975, ao transitar para a organização adventista o «Externato Infanta D. Joana», na Rua de Ponta Delgada, 1, para ali passou a escola primária, onde tem funcionado até ao presente.

Mais difícil foi a vida da nossa segunda escola primária — a do Funchal. Começou a funcionar em Outubro de 1937, no edifício

onde então tínhamos a igreja, em frente da Sé, tendo como directora a Ir. Capitolina Grave. Depois de várias vicissitudes desagradáveis, foi definitivamente fechada em 1954.

A nossa terceira escola primária foi a de Oliveira do Douro. As suas primeiras instalações encontravam-se no rés-do-chão da igreja. Abriu em 1973, tendo como professora Maria Edite Pinheiro. Em 1976, passou para o novo edifício do Externato de Oliveira do Douro.

Finalmente, em Outubro de 1978, foi aberta a escola primária de Coimbra, instalada no rés-do-chão do edifício da igreja, sob a direcção de Maria Amélia Pavia e com 24 alunos.



Lisboa — Ano lectivo de 1935-36

Escolas Secundárias

No Instituto Académico de Lisboa começou a funcionar, a partir de Outubro de 1936, o primeiro ciclo liceal, que então constava de três anos. Teve 2 alunos no primeiro ano e 1 aluno no terceiro, número que no ano lectivo de 1940-41 tinha aumentado para 18 — 5 no primeiro, 7 no segundo e 6 no terceiro. Infelizmente, o decreto publicado em 1941 proibindo a coeducação nas escolas, tornou impossível o funcionamento da secção secundária do Instituto, já de si dispendiosa com alunos dos dois sexos.

Ao abrir-se em 1944 o Seminário de Portalegre, pensava-se que os alunos podiam estudar ali as disciplinas liceais, tal como sucedia nos seminários católicos de Portugal e em seminários adventistas similares do estrangeiro. E, assim, ali tivemos a funcionar o curso secundário, até que, nos termos do Decreto

n.º 37 545, de 8 de Setembro de 1949, que estabelecia a distinção entre seminários católicos e não-católicos, foi mandado encerrar, pela Inspeção do Ensino Particular, em 9 de Fevereiro de 1950.

Em 24 de Agosto de 1951 era requerida autorização para a abertura e funcionamento de um colégio no mesmo edifício, apresentando-se os nomes do director e professores devidamente diplomados e tendo sido preenchidas as condições regulamentares quanto a instalações e equipamento.

Feita a competente vistoria pela Inspeção do Ensino Particular, foi ordenada a realização de algumas pequenas obras. Efectuadas estas, sem dificuldades mas com considerável despesa, requereu-se nova vistoria, aguardando-se com grandes esperanças a autorização de abertura. Para grande surpresa nossa, tanto mais que se tinham feito obras por indicação da própria Inspeção, foi-nos comunicado o despacho de 25 de Junho de 1952, segundo o qual «o pedido está fora dos fins para que se constituiu a Associação requerente»!

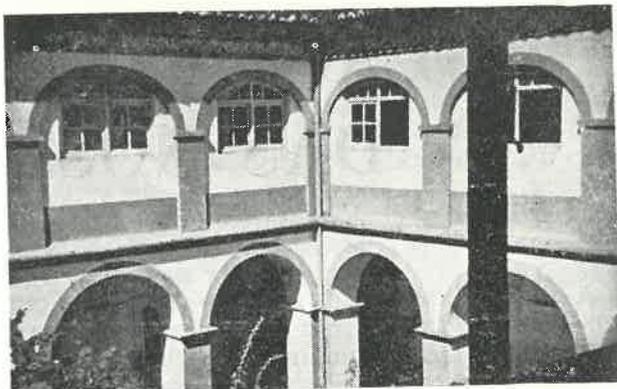
Tivemos, pois, de abandonar Portalegre e procurar uma solução alhures.

Foi assim que em Lisboa se abriu, em 1952, na zona de Belém, o «Pensionato Avelar Brotero», com sala de estudos, sob a direcção do Eng.º Joaquim Nunes Ramos. Durante o ano lectivo de 1952-53 ali estudaram 14 alunos, todos eles de maior idade.

Entretanto adquiriu-se uma bela propriedade em Setúbal, e como parecesse que se tinha encontrado a única solução viável dentro do condicionamento legal de então, pediu-se a transferência do «Pensionato Avelar Brotero» de Lisboa para Setúbal, sob a responsabilidade do mesmo director. O ano escolar de 1953-54 abriu com 16 alunos (4 menores no ensino individual, 1 maior inscrito, 11 maiores não inscritos).

Em breve, porém, surgiram as habituais dificuldades e o edifício foi mandado encerrar em 13 de Fevereiro de 1954.

Palavras do Inspector ao Eng.º Nunes Ramos: «O senhor andou a enganar-nos, pois afinal o pensionato era para adventistas» — como



Claustro do Seminário de Portalegre

se um pensionato para adventistas fosse um crime!

Passaram-se vários anos, sem qualquer solução. Em 1961, depois de vendida a propriedade de Setúbal e por sugestão pessoal do mesmo Inspector do Ensino Particular que nos havia encerrado as escolas anteriores, comprou-se uma propriedade em Pero Negro e ali se fizeram avultadas e dispendiosas obras. Pedida a autorização de abertura e funcionamento como colégio secundário, esta nunca foi concedida, até que, frustradas todas as esperanças, se optou pela venda da propriedade para evitar inúteis despesas de conservação e reparação.

Fez-se ainda uma tentativa, aproveitando o funcionamento dos cursos da Telescola para o ciclo preparatório. Neste regime, aliás bastante precário, tivemos um posto a funcionar em Lisboa (Posto n.º 1118, na Rua Almirante Reis, 54, 3.º), de 1970 a 1974, e outro no Porto (Posto n.º 1161, na Rua Ferreira Cardoso, 103), de 1971 a 1974.

E assim estivemos até que recentemente se abriram novas perspectivas. Com efeito, em 15 de Dezembro de 1975, a organização adventista adquiria o alvará do «Externato Infanta D. Joana», onde já a partir de Outubro desse ano tem estado a funcionar o curso primário e o secundário. Durante o transacto ano de 1978-79, frequentaram a escola alunos do curso



Seminário de Portalegre — Ano lectivo de 1945-46



Edifício do Seminário de Setúbal



Externato Infanta D. Joana

primário, do ciclo e do unificado, perfazendo um total de 214.

Entretanto, ia-se construindo no Norte o «Externato de Oliveira do Douro», que começou a funcionar para o curso secundário em 1976. No ano lectivo de 1978-79, ali estudaram 160 alunos: no curso primário, no ciclo e no unificado.

Seminário Teológico

Em 1936, começou a funcionar em Lisboa o Curso Bíblico, sob a direcção de A. Dias Gomes, sendo ministrado o ensino teológico cumulativamente com o de algumas disciplinas liceais. O ano lectivo de 1936-37 principiou com 15 alunos e terminou com 10.

Assim continuou até 1942-43, ano em que se registou a matrícula *record* de 29 alunos.

Na reunião do Conselho da União Portuguesa, de 29 de Novembro de 1943, ficou votado alugar a quinta de Santo António, em Portalegre, por 12 000\$00 ao ano. Tratava-se de uma propriedade em que se encontrava um edifício começado a construir em 1570, para noviçado de frades franciscanos.

O ano lectivo de 1943-44 foi dividido em dois turnos — o feminino e o masculino. O primeiro funcionou ainda em Lisboa, até 31 de Março de 1944. O segundo, efectuadas as indispensáveis obras de adaptação, já funcionou em Portalegre, de 1 de Abril a 19 de Julho, com 8 alunos, sob a direcção de E. V. Hermanson.

Ali estivemos durante alguns anos — dirigido de 1945 a 1949 por E. Ferreira, e em 1949-50 pelo Dr. J. Nunes Branco.

Encerrada a secção liceal em Fevereiro de 1950, como atrás se refere, passou a funcionar em Portalegre apenas o Curso Teológico, sob a direcção de A. Fernandes Raposo. Em 1950-51, com 12 alunos, e com 10 alunos em 1951-52.

Em 1952-53 foram dadas algumas aulas de Bíblia aos alunos do «Pensionato Avelar Brotero», durante o ano em que este funcionou em Lisboa.

Tendo transitado o pensionato para Setúbal, foi ali ministrado o Curso Teológico, sob a direcção de Manuel Leal, durante o ano de 1953-54, com 18 alunos.

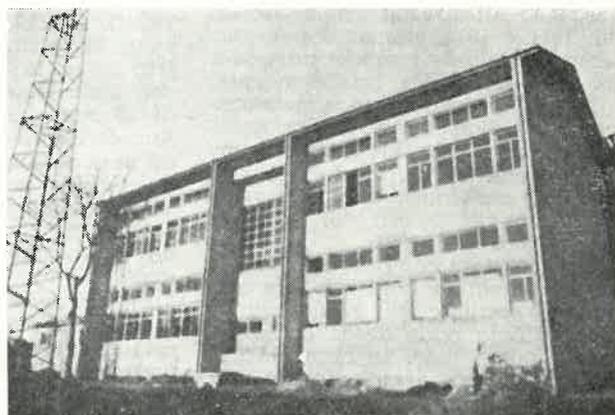
Após o encerramento do Pensionato de Setúbal, o Curso Bíblico continuou em Lisboa, ainda dirigido por Manuel Leal — em 1954-55, com 19 alunos, e em 1955-56 com 20 alunos.

Vendida a propriedade de Setúbal e adquirida a de Pero Negro em 1961, esperava-se poder aí instalar finalmente o Seminário Adventista com o curso liceal. Mas como os anos se passassem sem que tal se realizasse, foi decidido reabrir o Curso Bíblico em Lisboa, tendo aqui funcionado desde 1964 a 1969.

Durante o ano lectivo de 1969-70, o Curso Bíblico funcionou em Pero Negro, com apenas 5 alunos.

A partir dessa data nunca mais tivemos o Curso Teológico em Portugal.

Os nossos alunos, terminado o curso liceal em escolas não-adventistas portuguesas, passaram a frequentar, a partir de 1972, os dois primeiros anos de Teologia em Espanha — primeiro em Valência (1972-1974) e depois em Sagunto (a partir de 1974) — concluindo finalmente o Curso no Seminário de Collonges, em França.



Externato de Oliveira do Douro

COMO TRABALHAR NA EUROPA

«Segundo a luz que me foi dada acerca do povo nesta parte do país (Suíça), e talvez em toda a Europa, há risco de que, no apresentar a verdade, lhes seja despertado o espírito de combatividade. Pouca harmonia existe entre a verdade presente e as doutrinas da igreja em que muitos dentre o povo foram nascidos e criados; e eles são tão cheios de preconceitos, e estão tão completamente sob o domínio de seus ministros, que não ousam sequer, em muitos casos, ouvir a verdade apresentada. Surge então a pergunta: Como se pode chegar a esse povo? Como pode ser realizada a grande obra da mensagem do terceiro anjo? Ela precisa ser feita em grande parte por esforço individual, perseverante; mediante visitas ao povo em suas casas.» — E. G. White, em *Historical Sketches*, 1886, págs. 149, 150; apud *Evangélico*, págs. 410, 411.

Roteiro Histórico

das Igrejas Adventistas em Portugal

LISBOA — CENTRAL

A primeira sala que se abriu ao público no País e na capital ficava situada na Rua de S. Bernardo, à Estrela, 120, 1.º, e foi inaugurada em 1906 por C. E. Rentfro.

Mais ou menos pelo fim de 1907, já estávamos na Rua de S. Bento, 59, 1.º, no prédio que faz esquina com a Calçada da Estrela, e no ano seguinte mudávamo-nos para a mesma Rua de S. Bento, 275, 1.º, Esq.º. Ali nos detivemos pouco tempo, pois em 1909 pregávamos o Evangelho na Rua da Cruz dos Poiais, 80, loja. Por 1910, trabalhou temporariamente em Lisboa, como colportor-evangelista, José Abella, que mais tarde se fixaria definitivamente em Portugal.

Não tardou muito que passássemos, em 1911, para a Rua das Chagas, 9-A. Ali pregou Paulo Meyer, em 1911 e 1912, enquanto por esse tempo tínhamos também uma sala na Rua dos Anjos, ao Intendente.

No ano seguinte, já nos encontrávamos na Travessa de S. Vicente, 3, à Graça, e em 1914 aparecíamos na Calçada de S. André, 45, 1.º. Daqui transitámos, em 1915, para a Calçada do Cascão, 15, 1.º, onde demorámos até 1924.

Em 1923 fora comprado o terreno da Rua Joaquim Bonifácio, em que no ano seguinte foi inaugurado o belo edifício onde desde então temos a nossa sede. As obras foram orientadas pelo arquitecto Porfírio Pardal Monteiro. Ficou-nos o edifício por 638 contos, não incluindo o preço do terreno. A dedicação teve lugar no dia 29 de Novembro de 1924.

Além da sede, houve diversos locais em que, através dos tempos, se realizaram reuniões publicamente anunciadas, tais como na Rua da Cruz da Carreira e no Beco do Fernandinho (Campolide), por volta de 1916; na Rua de Passos Manuel, 24, cave, por 1924; na Pampulha, de 1934 a 1937; no Alto de S. João (em casa do Ir. José Maria Henriques); na Rua de S. Lázaro (em casa do Ir. Antonino de Figueiredo).

A Igreja Central de Lisboa tem a seu cargo um numeroso grupo em Vila Franca de Xira, onde durante alguns anos se realizaram reuniões em casa dos Irs. Ferro, vindo a ser inaugurada em 6 de Fevereiro de 1971, a actual sala, sita na Rua do Terreiro, 51.

A Igreja Central de Lisboa conta, no seu registo, 646 membros.

PORTO

O trabalho foi iniciado no Porto em 1906, por Ernesto Schwantes, que ali abriu a nossa primeira sala na Rua do Bonfim, 124.

Não perdiam então os adventistas a oportunidade de apresentar a Mensagem. Assim, S. do Lago escreve para o *Jornal de Notícias*, do Porto, uma carta datada de 18 de Setembro de 1907, a propósito da escolha do Sábado como dia de repouso semanal pela Câmara de Alijó, dizendo que foi acertada essa decisão, em vista de ser o dia de descanso ordenado pela Bíblia. Em 25 do mesmo mês e em 5 de Outubro, o mesmo irmão publicou novos artigos no mesmo jornal desenvolvendo as razões para a observância do sétimo dia.

Depois de ter partido para o Brasil, em 1909, E. Schwantes foi substituído em 1912 por C. E. Rentfro, em cujo tempo se fez a mudança da sala de culto para a Rua da Boavista, 145, e depois para a Rua de Santa Helena, 41, mais tarde para a Rua da Firmeza, e finalmente para a Rua Latino Coelho, 265. Quando em 1917 partiu para o Brasil, o Pastor Rentfro deixava no Porto uma igreja com pouco mais de vinte membros baptizados.

Depois de João de Sá ter trabalhado perto de um ano nessa cidade, estabeleceu-se, em 1917, Alberto Raposo, que ali ficou até meados de 1920, sendo substituído então por Fernando Simões.

De 1921 a 1928 trabalhou aqui José Abella, que em todos quantos o conheceram deixou a mais saudosa memória. Em 1926, contava a igreja trinta e oito membros. No seu tempo a sede mudou-se para a Rua Heliodoro Salgado.

Pouco antes de falecer, em Maio de 1928, foi substituído por Manuel Lourinho, que em meados de 1930 efectuou a mudança da sede para a Rua do Bonjardim, 472, 1.º. Nesse ano a igreja do Porto contava quarenta e sete membros.

Em 1934, o mencionado obreiro era substituído por H. F. Neumann, que em Outubro de 1935 deu o lugar a Fernando Simões, em cujo tempo se efectuou nova mudança para a Rua Alves da Veiga, 73, 1.º.

Em Setembro de 1938, novo obreiro — Otto Ide, e nova sede — Rua de Santo Ildefonso, 376, 2.º.

Em 6 de Março de 1948, foi dedicado o actual templo, sito na Rua Ferreira Cardoso, 103.

Através dos anos, desta igreja irradiou o trabalho para diversos locais, tendo-se realizado reuniões regulares em Gaia (no tempo dos Irs. Rentfro e Abella, e, mais tarde, a partir de 1917) Esgueira (onde em 1918 e 1919 esteve Fernando Simões como obreiro permanente, e depois, até 1935, houve mais ou menos, temporariamente, reuniões feitas pelo obreiro do Porto), Matosinhos (de 1936 a 1939, e, mais tarde, a partir de 1972), Viana do Castelo, Azevedo de Campanhã (no tempo do Ir. Abella), Canelas, Avintes, Oliveira do Douro, Vila Meã, Rio Tinto, e, finalmente, Braga.

Actualmente, a igreja do Porto conta 258 membros.

PORTALEGRE

Uma irmã de Lisboa, doente, chamada Cesária, foi viver para Portalegre numa dependência da igreja evangélica da Rua 31 de Janeiro, por especial deferência do falecido sr. Pedro da Silveira. Visitando-a Paulo Meyer em Junho de 1920, aquele senhor cedeu-lhe o salão da dita igreja para nela realizar algumas conferências religiosas, acompanhadas de projecções luminosas. Tendo as conferências sobre as profecias de Daniel e Apocalipse despertado grande interesse no meio evangélico da cidade, passado algum tempo a porta fechava-se para os adventistas, depois de ter sido apresentada a verdade do Sábado. Na fotografia publicada noutra local desta revista, tirada na galeria da referida igreja evangélica presbiteriana da Rua 31 de Janeiro, podem ver-se os que desde a primeira hora aderiram à mensagem do Advento. Da família do diácono da Igreja Presbiteriana e colportor da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, José Alexandre estão as filhas Isabel Ribeiro e Marta Ribeiro dos primeiros baptizados nesta cidade, além de João Joaquim Ribeiro, Josué Ribeiro e Pedro Brito Ribeiro.

Aderiram também à fé adventista na mesma altura Maria Rosa Casaca e suas filhas: Maria Nazaré Casaca Velez (Raposo), Ana e Palmira, e as empregadas do pastor evangélico Francisco Póvoas, sua filha Guilhermina, e Adelaide Badalo. Figuram também Manuel Joaquim Lourinho, sua mãe Maria da Glória, sua tia Mariana e prima Laura Mourato, todos os quais ade-

riram à fé adventista e foram batizados.

Continuaram as reuniões em casa da família Lourinho, na Rua dos Silveiros, 2.

Além de Rosália Pires, que em Portalegre trabalhou como obreira bíblica, pregou a mensagem em Portalegre, pelo menos três anos, João de Sá.

Em fins de 1924 e durante o ano de 1925, residiu em Portalegre A. Dias Gomes, que abriu uma sala na Rua da Misericórdia.

Depois deste último ano, as reuniões passaram a ser feitas pelo obreiro que ia de Tomar ou de Lisboa, até que de 1928 a 1930 aqui viveu permanentemente Fernando Simões. Em 1931, veio de novo A. Dias Gomes, que passou a realizar as reuniões na Rua Primeiro de Maio e mais tarde na Rua Benvido Ceia. Em 1933, foi substituído por Alberto Raposo, que aqui trabalhou até seguir para Cabo Verde, em meados de 1935, seguindo-se-lhe Manuel Leal, em cujo tempo se mudou a igreja para a Rua da Sé e mais tarde para os Muros de Baixo. No início de 1944, foi adquirido o prédio da Rua Primeiro de Maio, 17, em que actualmente funciona a igreja.

Embora já por volta de 1920 a 1924 se começassem a realizar reuniões de evangelização na Ribeira de Nisa, foi a partir de 1938 que se deu maior incremento ao trabalho neste local, onde actualmente temos uma igreja. Além da igreja da Ribeira de Nisa, foi filha de Portalegre a igreja de S. Julião, cujo primeiro interessado foi o sr. João Ferreira Jacob, então guarda-fiscal nessa zona, e que veio mais tarde a baptizar-se. Em 1952 foi adquirida uma casa, onde os membros passaram a reunir-se. A igreja de S. Julião, que chegou a ter um razoável número de membros, foi dissolvida em 1979, devido à morte ou à mudança de residência da maior parte dos seus componentes, tendo sido nesse ano transferidos para a igreja de Portalegre os membros que restavam. De S. Julião, por sua vez, irradiou o trabalho para S. António das Areias, onde em sala alugada se reúne um grupo, cujos membros têm o seu nome no registo da igreja de Portalegre.

A igreja de Portalegre conta presentemente 91 membros.

TOMAR

As primeiras reuniões em Tomar realizaram-se em 1923, na Rua de Leiria, 62, 2.º, Esq.º, com Fernando Simões, que aquela cidade residiu até 1928. Durante algum tempo, as reuniões fizeram-se em casa do Ir. Francisco Mouco, na Rua das Poças ou da Fábrica. Por 1925, passaram a realizar-se na Rua Torres Pí-nheiro, 64.

A esposa de F. Simões falava frequentemente sobre a Mensagem

com a professora de sua filha Lídia, a sr.ª D. Maria Emília da Silva, que finalmente se baptizou e, por volta de 1928, cedeu para ali se realizarem os nossos cultos, o rés-do-chão da sua casa na Rua Dr. Madureira, 29. (Anteriormente os nossos cultos já se tinham feito na mesma rua, mas no n.º 62, 2.º). Havia nessa altura em Tomar uns quinze membros. Nessa casa se continuaram a realizar as nossas reuniões durante uns vinte anos.

De 1928 a 1937 não houve em Tomar obreiro permanente, indo alguém dirigir as reuniões, quer de Lisboa, quer de Coimbra.

Em 1937, estabeleceu-se permanentemente nesta igreja, Otto Ide, que foi substituído de 1938 a 1941 por Manuel Leal, seguindo-se Marcelino Viegas, em cujo tempo se inaugurou a sala na Rua da Fábrica, 70. Em Maio de 1959, sendo José Júlio Pires pastor desta igreja, inaugurou-se a sala da Rua dos Arcos, 29, onde actualmente nos reunimos.

De Tomar, realizavam-se reuniões regulares nas Calçadas, na casa do Ir. Daniel Noivo (hoje ainda podemos ler na parede de um barracão: «Este Evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim») e depois numa outra casa no mesmo lugar do Casal Castilho, cujas ruínas ainda hoje se podem ver.

A igreja de Tomar pertence o grupo do Entroncamento, onde em 1954 se adquiriu o edifício da Rua 5 de Outubro, 72, em que até hoje se têm realizado os cultos. Ao início do trabalho no Entroncamento estão ligados os nomes do Pastor Francisco Cordas e de Carlos de Ascensão Esteves, que mais tarde viria a ser missionário em Angola e actualmente é pastor de uma das igrejas de Portugal.

Membros da igreja: 182.

FUNCHAL

Há uns cinquenta e cinco anos, o Ir. W. E. Howell, dirigindo-se à África do Sul, parou no Funchal e, sentindo-se tocado pelas necessidades espirituais da Madeira, ali mesmo, numa colina sobranceira à cidade, escreveu um artigo para a *Review and Herald*, apelando para que alguém anunciasse a Mensagem naquela ilha.

Nessa altura, vivia nas ilhas Havaí um adventista madeirense, Joaquim Gomes da Silva, que leu o artigo e se sentiu vivamente impressionado a responder ao apelo. Em 1930 para ali se dirigiu, a fim de realizar o trabalho de colportagem, não só conseguindo fazer uma larga sementeira de livros mas despertar o interesse pela Mensagem. Começou também a frequentar a igreja evangélica, já existente nesse tempo, e ali começou a partilhar a sua fé. Quando alguns dos dirigentes se aperceberam da sua obra, chegaram a afirmar que ele para ali

viera para semear a cizânia. Todavia, como resultado desse trabalho, alguns evangélicos aceitaram a mensagem adventista.

Outros colportores se seguiram depois, até que em Março de 1931 se instalou no Funchal o primeiro obreiro adventista, o Ir. E. P. Mansell, que por meio de literatura, estudos bíblicos e reuniões públicas, organizou uma metódica campanha de evangelização. «Em 29 de Julho de 1932 eram batizados os primeiros crentes — 14 almas — na piscina do Gorgulho. A primeira pessoa a entrar nas águas, Maria Isabel Costa, emigrou mais tarde para os Estados Unidos da América, onde ainda vive. A segunda a entrar, Angelina de Freitas Vieira, vive também nos Estados Unidos da América. Uma terceira pessoa, que ainda vive e está na igreja, é a irmã Silvana Gouveia, que é membro da igreja do Funchal. Os baptismos seguintes foram realizados, também na piscina do Gorgulho, em 2 de Dezembro desse mesmo ano. Das nove pessoas que então se baptizaram contam-se os Irs. César Gomes Vieira, actualmente com 87 anos, e José Gonçalves, quase com 81 anos. Estes irmãos, juntamente com a irmã Silvana, constituem os membros mais antigos da igreja do Funchal.

«De 1934 a 1941, aqui passou a trabalhar o Ir. E. P. Hermanson. A igreja reuniu-se sempre em salas alugadas, até que nesta última data foi adquirida uma bela propriedade, na Rua João de Deus, 7, onde passou a estar a sede da Missão, a escola primária e o edifício da igreja. No início de 1954, depois de expropriada a nossa sede, foi inaugurada uma nova propriedade na Rua Conde de Carvalhal, 6-A, cujo edifício, devidamente adaptado, foi inaugurado no início de 1955. Este é o edifício onde até hoje nos reunimos. Um templo amplo, com duas amplas salas no rés-do-chão e residência anexa para o obreiro, e um amplo quintal com jardim e algumas árvores de fruto.

«O trabalho fora da cidade do Funchal começou na Vila de Machico, no tempo do Pastor Hermanson, com a colaboração do Ir. César Vieira. Ali chegámos a ter uma sala alugada. Ainda hoje temos três irmãs na Ribeira Grande, Machico, uma das quais, a Ir. Rosa de Freitas Franco, mãe e avó das outras duas, tem 86 anos.

«Mais tarde, no tempo do Pastor Ribeiro, foi inaugurada uma sala em Santa Cruz. Temos ainda três irmãs em Santa Cruz, a Ir. Maria do Espírito Santo Nunes e suas filhas.

«O trabalho no Caniço começou há mais de 35 anos. A ele nos referimos noutra local.

«Em 1969 inaugurámos também uma salinha em S. António, onde continuamos a reunir-nos semanalmente». — M. CORDEIRO

A igreja do Funchal conta actualmente 273 membros.



Igreja do Funchal

COIMBRA

Já em 1918 aqui tinha sido anunciada a mensagem por Joaquim Moreira.

Mas as reuniões com obreiro permanente começaram em Abril de 1934, na Rua da Moeda, 96, com Manuel Lourinho, que realizou os primeiros baptismos em Outubro de 1935. No fim desse ano era substituído por H. F. Neumann, que ali permaneceu até 1937, ano em que lhe sucedeu Karl Sommer. No tempo deste obreiro, em 1941, abriu-se a sede na Rua da Sofia, 181. Sendo Marcelino M. Viegas pastor da igreja de Coimbra, foi transferida a sede para a Azinhaga do Carmo, 4, onde permanecemos até que se edificou, no tempo do Pastor Eliseu Miranda, o belo edifício que hoje se ergue na Rua Teixeira de Carvalho, 22. Embora as reuniões já tivessem começado a realizar-se aqui desde 1968, o salão de cultos só ficou ultimado em 1970.

De Coimbra irradiou o trabalho para Arganil e Figueira da Foz, que oportunamente se organizaram como igrejas.

Número de membros: 139.

PONTA DELGADA

A Mensagem Adventista penetrou nos Açores em 1931 por intermédio da colportagem. Suscitado o interesse pelo trabalho dos nossos colportadores, começou a reunir-se um pequeno núcleo em casa da Ir. Maria da Glória Soares, onde se estudava a Escola Sabatina.

Mais tarde, em Setembro de 1934, desembarcava em Ponta Delgada, vindo da Madeira, E. P. Mansell, que alugou uma sala no centro da cidade, por cima do consulado britânico. Em 12 de Dezembro do ano seguinte baptizavam-se as seis primeiras almas. Em 1953 passou a

igreja a reunir-se no edifício alugado na Rua Machado dos Santos, 4, onde actualmente se encontra. Para a construção de um templo próprio foi comprado um terreno em 1977, havendo planos para a construção e inauguração do novo templo em Setembro do corrente ano.

No tempo de Orlando Costa foi aberta uma sala na Lomba de S. Pedro, Funais da Ajuda, onde ainda se fazem reuniões.

A igreja de Ponta Delgada conta actualmente 91 membros.

CASCAIS

Em 1933, a Ir. Ermelinda Neves, com a jovem Juvenália Nunes, contactou com a jovem Rosa Lourenço, testemunhando de Cristo. Combinaram reunir-se regularmente no Parque Palmela para estudar a Escola Sabatina. Foi este, assim, o primeiro local de reuniões em Cascais.

Passado certo tempo, a jovem Rosa, com Otilia Santos, deram o seu testemunho pelo baptismo, que teve lugar em Lisboa, no ano de 1934. Nesse mesmo ano a Ir. Otilia foi morar para a capital, ficando em Cascais só a Ir. Rosa.

Esta começou a convidar outras pessoas, que se reuniam em casa do Ir. A. Dias Gomes, então com residência em Cascais, até que se alugou uma casa situada em frente da actual estação de caminho de ferro.

Após alguns anos em que estivemos sem sala, em 1943 abriu-se nova sala, pequena e sem condições, na Rua Visconde da Luz. Como o número de membros e visitas fosse aumentando, em 1953 alugou-se a sala na Rua dos Navegantes, 72, onde ainda nos reunimos.

Presentemente, a igreja de Cascais tem no seu registo 106 membros.

BARREIRO

Por volta de 1927, A. Dias Gomes ia expor a Palavra de Deus, alguns quilómetros ao sul do Barreiro, a casa de uma irmã de Lisboa que ali vivia isolada. Entre as pessoas que ouviram a Mensagem, encontrava-se Rosa Grelhe, que passado algum tempo foi baptizada em Lisboa e que podemos considerar como sendo o elemento humano que mais contribuiu para a fundação da igreja do Barreiro.

O primeiro impulso do seu coração convertido foi trazer outras almas a Cristo. Para se manter, andava de porta em porta com um jumento, vendendo cal. Mas junto com a cal trazia a Bíblia Sagrada e dela falava àqueles com quem entrava em contacto. Contava-lhes a doce história de Jesus. Ensinava-lhes o caminho da Salvação. Convidava-os a assistir às reuniões da nossa igreja de Lisboa. Perante a afirmação de que a viagem ficava cara, chegava a pagar a passagem a muitas pessoas.

A propósito da sua generosidade para com a Causa do Evangelho, lembramos que desejou tomar a sua quota parte na preparação de uma obreira, a quem ofereceu avultada soma que recebera em herança, para auxiliar nos seus estudos em Collonges.

Fora especialmente dotada para tratar de doentes. Tendo começado por tratamentos simples, chegou a fazer curas que maravilham. Certos dias a sua casa enchia-se literalmente de pessoas que iam receber curativos. Orava por cada uma delas, e costumava dizer que as curas não eram resultado das pomadas nem da sua sabedoria, mas do poder de Deus. E eram esses tratamentos um meio para aproximar muitas almas de Jesus.

Teve o privilégio de levar directamente às águas do baptismo dezanove almas, além de muitas outras que aceitaram a mensagem por sua influência indirecta.

Em Agosto de 1937, fixou-se no Barreiro Lutero Simões, alugando-se uma sala na Rua Vinte de Abril, 17. Diversos obreiros lá passaram, com uma estabilidade mais ou menos breve, e por vezes o trabalho era feito directamente de Lisboa, até que, sendo ali o obreiro Arlindo Miranda, se efectuou a mudança da igreja para a Rua da Mocidade Portuguesa, hoje Rua Professor Egas Moniz, 22, onde ainda se encontra.

A igreja do Barreiro tem a seu cargo o grupo da Baixa da Banheira. O início do trabalho nesta localidade deu-se em 1959, quando o Pastor Francisco Cordas, com alguns membros da igreja do Barreiro, ali pregou as boas novas da salvação. No mesmo ano abriu-se uma pequena sala na Rua da Liberdade, em que apenas se reuniam doze membros. Passados dois a três

anos, houve necessidade de uma mudança, que se efectuou para um prédio vizinho e que tinha uma superfície maior do que o precedente, ou seja, 32 m². Em Fevereiro de 1969 efectuou-se nova mudança para o actual salão na Rua António Sérgio, 37-A. Hoje este grupo compõe-se de 40 membros activos.

Total dos membros da igreja do Barreiro: 188.

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

O início da igreja de Vila Real de Santo António remonta ao tempo em que a Irmã Luzia Pereira conheceu a Mensagem num esforço de evangelização realizado em Cuba (América Central) e mais tarde se baptizou em Nantes (França), ao tempo em que Paulo Meyer era o

obreiro nesta cidade. Desejando ardentemente ver estabelecido o Movimento na sua terra natal, interessou diversas pessoas e pediu a ida de um obreiro.

Foi assim que em 1938 para ali foi enviado Manuel Lourinho. As reuniões, na Rua Heliodoro Salgado, 143, tiveram de ser interrompidas temporariamente, sendo depois reatadas.

Em 1945, por arranjo com o casal Pereira, passámos para a nossa sede definitiva, com porta de entrada na Rua Dr. Passos, 100, e com a fachada principal para a rua mais movimentada da vila.

A partir de Vila Real de Santo António, é feito também trabalho regular em S. Brás de Alportel, onde, desde Maio de 1967, existe uma sala alugada destinada ao culto adventista.

Número actual de membros da igreja de Vila Real: 32.

AVINTES

No tempo de Otto Ide, por volta de 1940, começaram aqui as primeiras reuniões, que depois foram continuadas por Manuel Leal, Marcelino Viegas e José Júlio Pires. Em 1957 foi alugada a sala na Rua 5 de Outubro, 445, onde ainda hoje nos reunimos.

Presentemente, Avintes está empenhada na construção do seu novo templo e espera que com este grande melhoramento a expansão do Evangelho nesta região experimente um novo impulso.

A igreja de Avintes conta hoje 82 membros.

CANELAS

Foi em 1941 e no lugar da Serpente, em casa do Ir. António dos Santos Soares e sob a direcção do Pastor Otto Ide, vindo do Porto, que se fizeram as primeiras reuniões. Devido a dificuldades surgidas, o grupo passou a reunir-se em Canelas de Cima, na eira de uma pessoa amiga. As reuniões passaram a fazer-se, depois, em Canelas de Baixo, ao ar livre, e mais tarde numa casa adaptada e já com baptistério, cedida pelo sr. Manuel Barbosa.

Os primeiros sete baptizados foram realizados em 1942, pelo Pastor Manuel Leal.

Em 1950 começou a construção do primeiro templo, que veio a ser dedicado em 10 de Maio de 1952. O desenvolvimento desta igreja acelerou-se rapidamente, de maneira que se tornou necessária a construção de um templo mais vasto. Assim, em Setembro de 1964 foi inaugurado o novo templo, sendo pastor o Ir. Eliseu Miranda.

Número actual de membros da igreja de Canelas: 222.

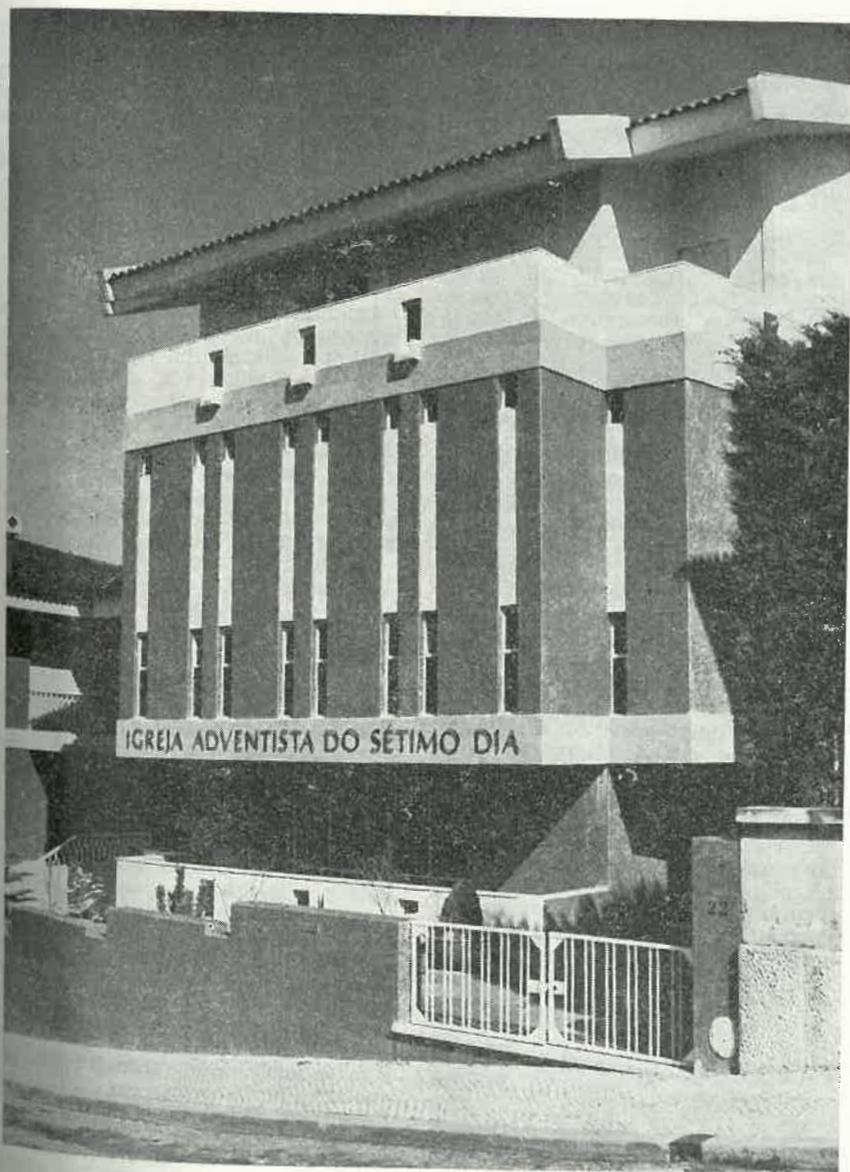
RIBEIRA DE NISA

Como já referimos, a igreja da Ribeira de Nisa saiu da de Portalegre. A princípio, por 1937-1939, as reuniões faziam-se numa barraca com tecto de zinco, pertencente ao Irmão Valentim, até que em 1942 se inaugurou a capela, nossa propriedade, em que actualmente nos reunimos.

Número actual de membros: 36.

SETÚBAL

Por volta de 1923-25, encontravam-se doentes no Sanatório do Outão uma irmã da igreja de Portalegre e uma jovem filha da Irmã Ilda Botelho, também daquela igreja, as quais falavam da sua fé a diversas pessoas, entre as quais à professora D. Ana Temudo, ali residente. Provocaram-se visitas, tendo A. Dias Gomes oportunidade de ali fazer



Igreja de Coimbra

alguns estudos bíblicos. Por sua vez, D. Ana Temudo interessou na verdade a sua amiga D. Balbina Trindade, vindo ambas a ser baptizadas por 1933.

Foi só em 1943 que em Setúbal começou a haver um obreiro permanente, com Fernando Simões, que principiou a dirigir reuniões públicas em sala alugada na Rua Estêvão de Vasconcelos, 49.

Não podendo mais ser usada esta sala em consequência do terramoto ocorrido em 28 de Fevereiro de 1969, foi a sala de cultos instalada, em condições precárias, na Avenida 5 de Outubro, onde estivemos durante dois anos, até que em 8 de Maio de 1971 foi dedicado o belo templo que se eleva na Rua Latino Coelho, 8, sendo pastor da igreja o Ir. Francisco Cordas.

Número actual de membros: 195.

ANGRA DO HEROÍSMO

O conhecimento da Mensagem nesta ilha data de 1937, ano em que um colporteur entrou em contacto com o Ir. José Mendes de Sousa, que há muito ansiava pelo conhecimento da verdade e prometera a Deus seguir a igreja que observasse a verdadeira lei de Deus, e que veio a baptizar-se com mais cinco membros em 1942.

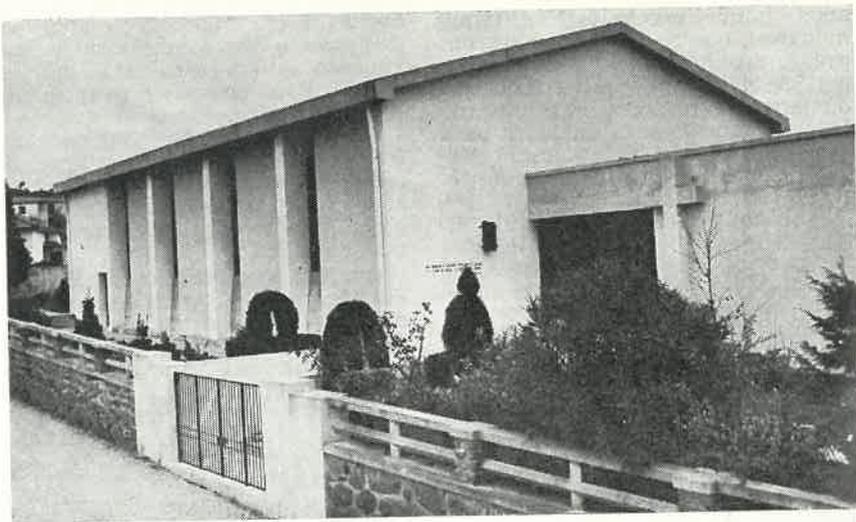
O primeiro obreiro a residir na Terceira foi Samuel dos Reis, que justamente acabava de chegar e aqui permaneceu até 1945.

João Gualberto e Fernando Faria, ainda vivos, juntamente com José Mendes de Sousa, já falecido, foram os grandes pioneiros da obra adventista na Terceira.

Além da cidade de Angra, onde a igreja se reúne desde o início, em prédio alugado, na Rua 5 de Outubro, 14, há outro local da ilha onde se encontra um importante grupo de crentes — perto da zona militar das Lajes, na Serra de S. Tiago.

As primeiras sementes nas Lajes foram lançadas através do trabalho leigo do Ir. Fernando Faria e do obreiro local Lutero Simões, por volta de 1945. O começo foi difícil e humilde, sendo o primeiro lugar de reuniões um simples barracão. O Ir. Manuel da Costa cederia depois parte da sua casa para o lugar de culto. Adquiriu-se mais tarde um barracão, que foi pouco a pouco sendo melhorado, continuando contudo pequeno e humilde, até que em anos mais recentes, por iniciativa dos membros ali residentes e sob a direcção do actual ancião Carlos Baptista Ávila, se arrancou definitivamente para a ampliação e melhoramentos donde resultou o pequeno templo onde hoje se louva o Criador.

Em Angra vive-se na perspectiva de novas instalações, graças à generosidade do Ir. José Mendes de Sousa, falecido em Fevereiro deste ano, que em vida havia oferecido uma casa, com o produto de cuja



Igreja de Canelas

venda se enfrentarão em grande parte as despesas com a construção do novo edifício.

Número de membros da igreja de Angra: 39.

PICO

Em 1947, veio dos Estados Unidos, onde vivia, a crente adventista picoense, Lídia Madsen, e durante cinco meses apresentou a Mensagem a seus familiares e vizinhos. Como resultado, surgiu a Obra adventista no Pico.

Não contente com o que havia feito pessoalmente, construiu à sua custa, em S. António, uma igreja, que ofereceu à Organização. Entretanto, em 1948, veio o primeiro obreiro, Lutero Simões, que fez as primeiras reuniões públicas numa sala alugada. No ano seguinte, em 24 de Abril, dez almas desceram às águas baptismas.

Entre 1948 e 1949, encontrando-se no Pico o colporteur António Duarte, entrou em contacto com o sr. José S. Fontes, nos Fetais da Piedade, o qual já havia assistido a reuniões adventistas em S. Miguel. Aqui se alugou uma pequena sala e em 7 de Maio baptizavam-se quatro almas.

Presentemente, está-se construindo uma capela nos Fetais e fazem-se planos para a remodelação da casa há anos adquirida na Rua do Poço, Cais do Pico, para futuro lugar de culto e residência pastoral.

A igreja do Pico conta hoje 27 membros.

FARO

Já em 1929-30 aqui estivera Fernando Simões, cerca de ano e meio.

Mas foi só em Julho de 1948 que abrimos a sala, que ainda hoje temos, na Praça Alexandre Her-

culano, 19, sendo obreiro Francisco Cordas.

De Faro o trabalho irradiou para Lagoa e Portimão, onde actualmente existe numeroso grupo de crentes e se realizam reuniões regulares.

Número de membros da igreja de Faro: 77.

SEIXAL

Quando o Ir. Manuel Laranjeira pastoreava a igreja do Barreiro, iniciou-se o trabalho no Seixal. Em 1953, era inaugurada a sala, onde ainda presentemente nos reunimos, situada na Rua D. Nuno Álvares Pereira, 121. Dado o desenvolvimento do trabalho e as perspectivas do futuro, torna-se urgente a abertura de um novo local de culto nesta zona.

Número de membros da igreja do Seixal: 48.

FIGUEIRA DA FOZ

«O primeiro pastor a anunciar a Mensagem na Figueira da Foz foi o Ir. Marcelino Viegas, por volta de 1952-53. A primeira casa de culto foi na Ladeira do Monte, e depois a actual, na Rua 10 de Agosto, 62. Os primeiros baptismos foram realizados em Coimbra, em 1954, pelo Pastor Viegas.

«O grupo de Santana, unido à igreja da Figueira, iniciou-se no tempo do Pastor Arnaldo Borges, a quem se seguiu o Pastor Francisco Cordas. A primeira sala alugada para reuniões foi em Carlos Cação, tendo-se mudado depois para a rua sem nome, onde actualmente se encontram. Os primeiros baptismos foram os da irmã Maria Pleno e sua filha Rosa Pleno, realizados no Porto em 1967». — A. N. Nunes

A igreja da Figueira da Foz conta 79 membros.

LISBOA — ALVALADE

Como resposta ao desejo de uma maior expansão da Mensagem em Lisboa, foi alugada em 1955 uma sala no bairro de Alvalade, na Rua Acácio de Paiva, 29, inaugurada em 30 de Abril desse mesmo ano.

A partir de então, o trabalho tem-se desenvolvido, contando a igreja actualmente 157 membros.

Como campo missionário, está dependente de Alvalade o pequeno grupo do Catujal, onde, no passado dia 1 de Junho, se abriu ao público a sala que no rés-do-chão da sua nova casa o Ir. Jerónimo Simões expressamente preparou e ofereceu para a pregação do Evangelho.

ALMADA

Em 18 de Junho de 1955 foi inaugurada na Cova da Piedade, Rua do Cabral, 24, uma sala de culto, a primeira no concelho de Almada.

Como o número de crentes fosse aumentando e a maior concentração se verificasse na zona de Almada, adquiriu-se aqui, em regime de propriedade horizontal, um rés-do-chão em edifício recentemente construído, situado na, então, Rua Dr. Oliveira Salazar, hoje Rua da Liberdade, 33-A. O culto de dedicação realizou-se em 13 de Novembro de 1965.

Hoje a igreja de Almada conta 133 membros.

ESPINHO

Foi a igreja de Canelas que primeiramente se ocupou do trabalho em Espinho. As primícias da igreja de Espinho foram o, então, jovem Pedro Augusto Fernandes, que havia seguido o curso por correspondência da Escola Rádio-Postal, e sua esposa. Imediatamente procuraram um local em que se pudesse pregar o Evangelho e foi assim que em 23 de Julho de 1955 se inaugurou uma sala na Rua 14.

Tendo-se desenvolvido a igreja, foi necessário procurar novas instalações, o que se fez, passando-se em 1965 para a actual sala, na Rua 18, 236.

A igreja de Espinho estende a sua actividade até S. Félix da Marinha, onde tem uma sala aberta ao público no Lugar da Torta.

A igreja de Espinho conta, actualmente, 178 membros.

UISEU

Os primeiros interesses foram suscitados em 1962 através dos Irs. Sampaio Nunes, vindos de Angola.

No início não havia obreiro regular. Vinha do Porto, de vez em quando, o Pastor José Abella, e o trabalho era apoiado pelo então colportor Abilio Echevarría, que

aqui residia. Por essa altura alugou-se uma sala na Rua João Mendes, 104, a mesma que ainda hoje serve, embora já demasiado pequena.

Veio então para Viseu o primeiro obreiro, Pastor Eugénio Rodriguez, havendo a sala de culto sido inaugurada em 13 de Julho desse ano.

Número actual de membros: 101.

OLIVEIRA DO DOURO

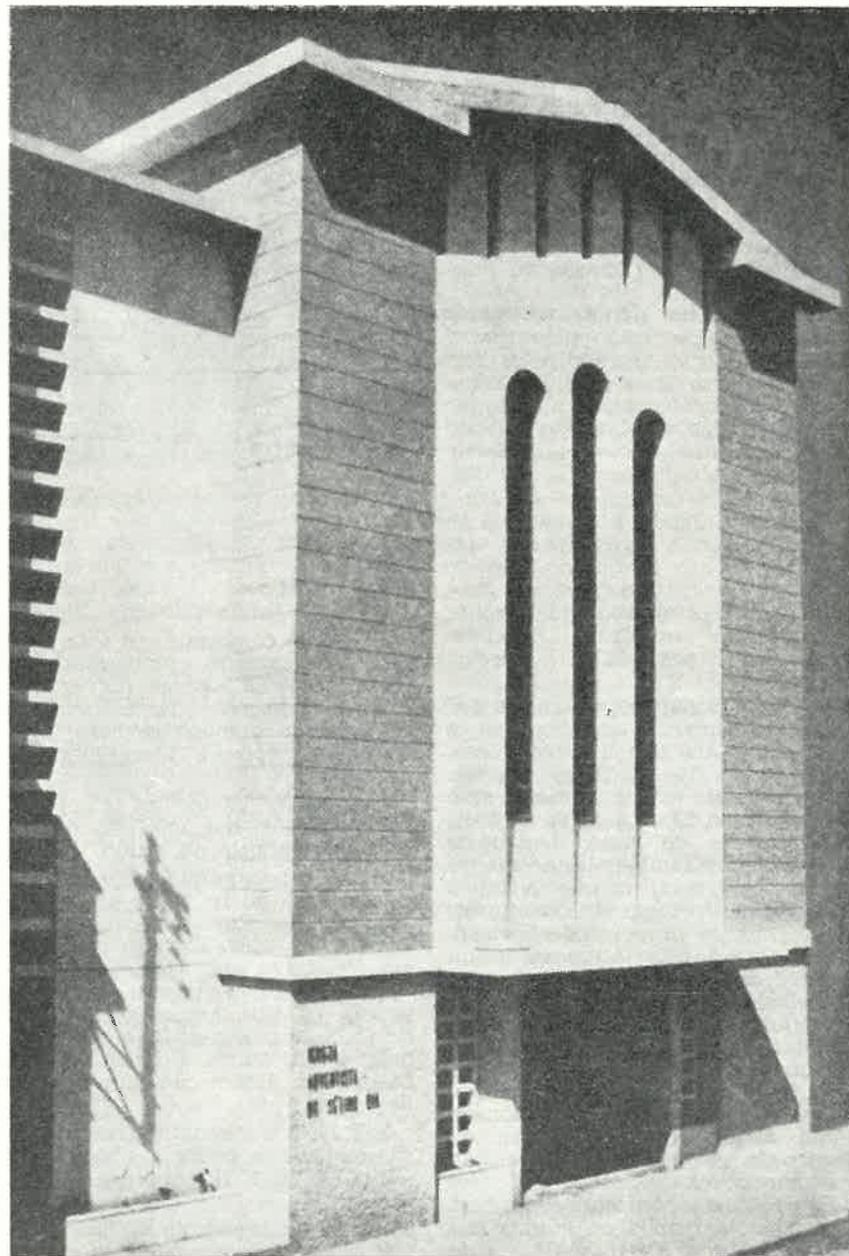
Cerca de 1939 o Pastor M. Loureiro começou a fazer reuniões nesta freguesia, na zona de Formigueiros, em casa do Ir. Dias. Algumas pessoas se baptizaram, indo frequentar a igreja do Porto. As irmãs Rocha, Maria Miranda e Ir. Dias eram grandes missionários. Cerca

de 1952, a irmã Carmen Sala, na zona do Sardão, fez suscitar interesse pela Mensagem, reunindo-se as pessoas em casa do Ir. João Simões. Vinham do Porto fazer ali as reuniões ao Domingo o Pastor José Júlio Pires e os Irs. José e Hermínio Monteiro, assim como o Ir. Duarte.

Abriu-se depois uma sala nessa zona.

Em 1961, o Ir. José Cardoso começou a construir o templo em Oliveira do Douro, que veio a ser dedicado em 8 de Setembro de 1963, altura em que foi organizada a igreja com 35 membros.

A igreja conta actualmente 155 membros, e sem dúvida irá crescer, dado o seu grande potencial de jovens e a sua fidelidade.



Igreja de Setúbal

Em 1976, iniciou-se o trabalho num lugar um pouco afastado — Alpendurada — e pela graça de Deus já temos ali dez membros baptizados. Sábado após Sábado um membro da igreja ali se dirige para pregar a Mensagem». — *A. Mauricio*

LISBOA

— GENERAL ROÇADAS

Em consequência de um notável despertar espiritual verificado naquela zona, foi alugada em 1963 uma sala na Avenida General Roçadas, 36-A. A inauguração e a organização da igreja tiveram lugar no dia 28 de Setembro do referido ano.

A igreja conta actualmente 136 membros.

AMADORA

«As primeiras reuniões realizadas na Amadora tiveram lugar na Rua 1.º de Maio, em casa dos Irmãos Marques. Iniciou este trabalho o Pastor Marcelino Viegas, que mais tarde, não sei em que data, também alugou a primeira sala para evangelismo público. Esta sala situava-se na Rua de Macau, no Bairro do Bosque.

Algum tempo depois o Pastor Viegas era substituído pelo Pastor Martinez, que foi seguido pelos Pastores Joaquim Dias e Abílio Echevarría, todos eles com outras responsabilidades na Obra, o que os impedia de se dedicarem inteiramente ao trabalho nesta localidade.

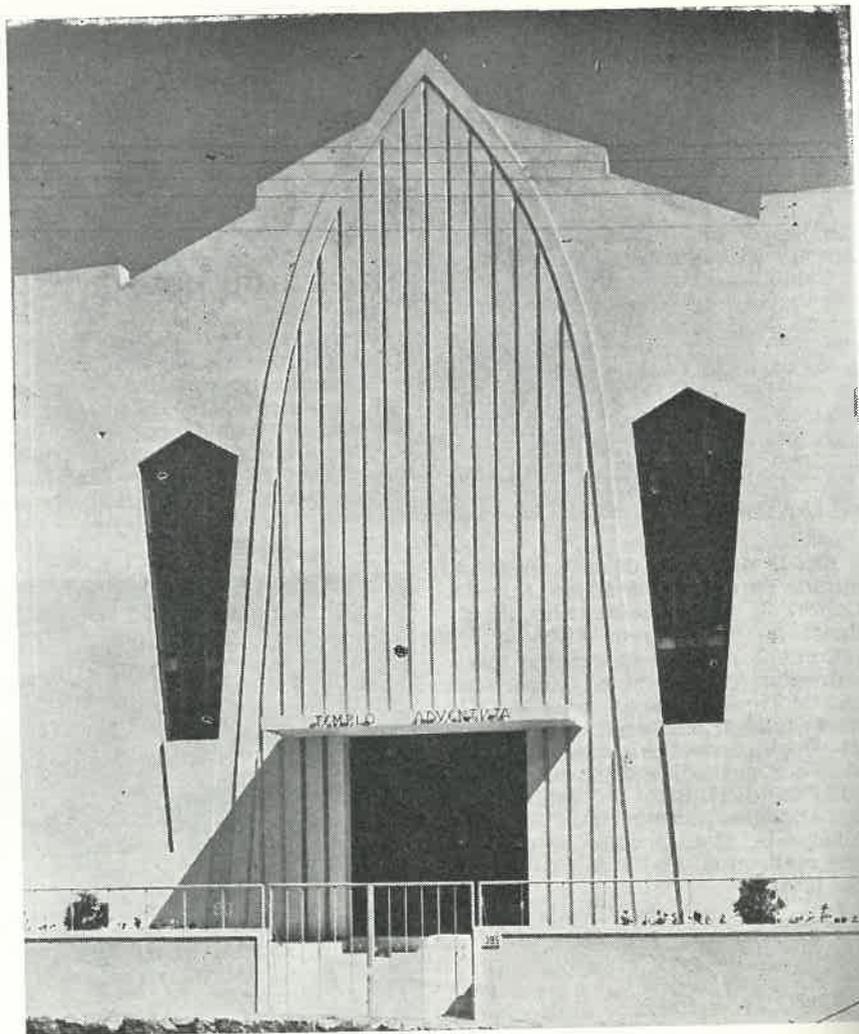
O grupo de membros da Amadora estava ligado à igreja de Alvalade, passando a organizar-se, eles próprios, como igreja, no ano de 1963, altura em que o Pastor José Júlio Pires, já aposentado, aceitou o convite de aqui trabalhar juntamente com sua mulher, obreira bíblica.

Vindo a tornar-se pequena a primeira sala existente, alugou-se a sala na Rua da Aviação Portuguesa, lote 13, loja 10, no Bairro da Reboleira, tendo a inauguração sido efectuada em 23 de Janeiro de 1965.

Pela graça de Deus, dentro de pouco tempo também esta sala se tornava pequena, o que levou a Associação Portuguesa a comprar, em regime de propriedade horizontal, um rés-do-chão e uma cave, na Rua 1.º de Maio, 27-A. A inauguração efectuou-se em 19 de Setembro de 1970.

Em 1976, o aumento progressivo de membros, jovens e visitas, levou-nos a reabrir a sala da Reboleira, que nos últimos anos funcionava como arrecadação de roupas do Centro de Assistência da Associação Portuguesa.

Em 1963, quando aqui chegámos, éramos pouco mais ou menos uns vinte membros. Hoje, pela graça de Deus, somos 282». — *M. Augusta Pires.*



Igreja de Oliveira do Douro

ARGANIL

«O grupo começou com o Ir. José Martins Alexandre, crente baptizado na igreja de Lisboa, que no regresso à terra começou a dar testemunho e despertou o interesse num lugar chamado Cepos, a 16 quilómetros de Arganil.

O primeiro pastor foi o Ir. Marcelino Viegas, que em 1945 passou a dar assistência ao grupo.

As primeiras reuniões efectuaram-se em casa do Ir. Hélio André, em Arganil, na Rua Oliveira Matos. Depois, em 1968, abriu-se uma sala em Paço Grande. Mais tarde, em 1974, passámos para o edifício actual, na Rua Armando Nogueira de Carvalho, 3, mandado construir pela Irmã Maria Correia, que o ofereceu à Associação para serviço de culto.

Em 1959, o Pastor Marcelino Viegas realizou os primeiros baptizados — do Irmão Hélio André e de sua esposa.

Em 27 de Agosto de 1977, o grupo foi organizado como igreja. Conta actualmente 33 membros». — *A. N. Nunes.*

LEIRIA

Os primeiros crentes desta igreja foram os Irs. António Pinheiro e esposa, trazidos à Mensagem por intermédio de um colportor que desde 1963 estabelecera sua residência nos arredores da cidade. O grupo foi crescendo, até que em 13 de Abril de 1968 se inaugurou uma sala na Rua Gomes Freire, 10, onde ainda hoje continuamos realizando os cultos. O grupo era constituído então por 20 membros e ficava dependente da igreja da Figueira da Foz, cujo obreiro os visitava regularmente.

A igreja de Leiria pertencem os seguintes grupos:

PENICHE — A princípio as reuniões faziam-se em casa da Ir. Ester Alonso Dias, desde 1954, até que mais tarde se alugou a actual sala, na Rua Eng. Frederico Ulrich, 18.

CADAVAL — As primeiras reuniões foram feitas em casa da Ir. Guilhermina Pinto, também a partir de 1954, mas em Janeiro de 1955 já dispúnhamos da sala em que actualmente nos reunimos.

CALDAS DA RAINHA — Inaugurada a primeira sala em 26 de Maio

de 1957, foi mais tarde interrompido o trabalho regular nesta cidade, até que, recentemente, no dia 19 do passado mês de Maio, se inaugurou a nova sala, sita na Vivenda Jocar, Rua João de Deus, Bairro de S. António, onde uma vintena de membros e visitas se reúnem regularmente.

A igreja de Leiria, com os seus grupos, conta 129 membros.

CANIÇO

«O trabalho no Caniço começou há mais de 35 anos. Enquanto não inaugurámos o novo e actual templo, o que teve lugar em 24 de Maio de 1969, no lugar de Assomada, Caniço, reuníamos-nos em casa de um irmão. Alguns destes irmãos, depois de termos alugado a sala de Santa Cruz, ali se deslocavam aos Sábados. O terreno para este templo do Caniço foi oferecido pelo Ir. João Belo, há muitos anos emigrado no Brasil. Além do terreno ofereceu também uma avultada quantia em dinheiro para a sua construção. O ano passado, quando aqui estive de visita, prontificou-se a doar-nos o terreno ao lado e a ajudar na construção de uma escola primária, no caso de levarmos avante tal plano».

A igreja do Caniço tem 28 membros. — *M. Cordeiro*

SINTRA — ALGUEIRÃO

«Em Setembro de 1953, o casal Sincer começou a receber estudos bíblicos do falecido Pastor Alberto Fernandes Raposo, convidando para esses estudos, seus vizinhos e amigos. Mesmo antes de baptizados, estes irmãos organizaram e dirigiram, na sua própria residência, uma Escola Sabatina anexa que ali funcionou durante alguns anos.

Pouco depois, juntaram-se ao casal Sincer, duas irmãs que residiam em Mem-Martins: a irmã Maximina de Oliveira e a irmã Adelaide Santos.

Os irmãos Sincer foram baptizados em 1959, e, como fruto de suas actividades missionárias, outras almas se foram juntando ao grupo.

Em 1963, tendo o irmão Sincer ingressado no Ministério, partiu para Angola, deixando ao cuidado da obreira Bíblica, irmã Aniceta Baião, o pequeno grupo e pessoas interessadas.

Este grupo foi liderado por diversos Pastores, entre outros, o Pastor J. Nunes Ramos, Manuel de Matos, Gregório Rosa, Samuel Graça, Sandoval Melim, Manuel Lobato, Daniel Cordas, M. Laranjeira, José J. Pires, Samuel Reis.

Em 1969, o grupo passou a reunir-se num prédio alugado, na Estrada do Algueirão, lote 18, onde permaneceu até ao ano de 1977, quando (então já na categoria de Igreja), adquiriu por compra uma bela propriedade, sita na Avenida

Morais Sarmento, 10 — em Sintra — para onde mudou.

Conta, presentemente, 54 membros». — *Raul de Meneses*

COMENDA

«O interesse maior pela verdade neste lugar foi suscitado através do jovem Joaquim Casquinha, hoje pastor. Na altura tinha cerca de 15 anos de idade. O jovem Casquinha conheceu a Mensagem através de um irmão que estava quase cego, chamado José da Cruz Pereira, que trabalhava numa propriedade onde o jovem Casquinha e seu pai iam trabalhar como pedreiros.

O interesse do jovem Casquinha foi de tal modo que resolveu fazer um pedido à nossa União,, em Lisboa, para que fosse enviado um obreiro para iniciar o trabalho.

Foi enviado, na altura, o irmão Jerónimo Falcão. Este irmão começou a fazer cultos em casa do irmão Manuel Casquinha, pai do Pastor Casquinha. Mais tarde, realizaram-se cultos em casa da irmã Leopoldina, irmã do Pastor Casquinha.

Nesta altura, começou-se a interessar muito pela verdade Álvaro de Jesus, hoje nosso irmão baptizado.

Passado algum tempo, o nosso irmão Álvaro de Jesus ofereceu uma sala de sua casa para ali se fizessem as reuniões. O interesse aumenta por parte do nosso irmão e este decide pedir o baptismo. Baptiza-se depois o jovem Casquinha, que anos mais tarde havia de tornar-se obreiro na causa do Senhor.

A salinha já era pequena e então foi resolvido alugar uma sala ao sr. Manuel Pires da Silva. Passados alguns meses a sala também já era pequena, pois o interesse crescia, e assim alugou-se o rés-do-chão da actual sala, na Rua D. Delfina Pequito Rebelo, 38. Estivemos ali cerca de sete anos. Depois é que se passou para o 1.º andar, e ali nos encontramos. No entanto, a sala também já se torna pequena, pois em certas alturas a assistência é muita, como aconteceu no Esforço de Evangelização «Acção 79». Cremos que o Senhor ainda nos ajudará a encontrar um meio de termos a nossa própria igreja». — *João Cordas Tavares*

Ligados à igreja da Comenda encontram-se os grupos de Nisa, Alpalhão, Nisa, Moinho do Torrão e Atalaia de Gavião.

A igreja da Comenda conta actualmente 60 membros.

AVEIRO

«Foi há quase 60 anos que se iniciou o trabalho do Senhor, na cidade de Aveiro, com o pastor Fernando Simões, que realizou os primeiros baptismos com as irmãs Maria de Jesus Farela, já falecida, e Aurélia Simões (esta em Coimbra).

Como o trabalho não pôde ser continuado, visto esse pastor ter de ir para o Porto, a maioria dos membros foi para movimentos evangélicos.

Do Porto, e muito episodicamente, vieram fazer reuniões em Mataduços, nos arredores de Aveiro, em casa da irmã Farela e seu esposo, que também era crente, os pastores Paulo Meyer e J. Abella. De Coimbra, também ali se deslocou algumas vezes o irmão Lutero Simões.

Durante aproximadamente 2 anos (1959-1961), esteve instalado em Aveiro, o pastor Manuel Leal, mas mais uma vez o trabalho não teve continuidade..

Estiveram por aqui algumas vezes alguns colportores, fizeram contactos, mas pouco ou nada ficou. Em Fevereiro de 1967, instalou-se nesta cidade o pastor Manuel Laranjeira, que muito auxiliado pelo então colportor Arlindo Bastos, que veio a ser substituído pelo irmão Inocêncio Silva, que nessa altura também se dedicava à colportagem e que na verdade foi também um bom auxiliar, começou um trabalho que até hoje tem progredido com a graça de Deus.

Ao fim de 19 meses, durante os quais a Escola Sabatina era realizada em casa da família Laranjeira, e também foram baptizadas 6 almas, chegou o momento em que o sonho de abrir uma sala se tornaria realidade.

Foi no dia 28 de Setembro que se realizou a primeira Escola Sabatina e teve lugar o primeiro culto na nova sala, situada na Rua Castro Matoso, 38.

Desde então a Igreja do Senhor se tem firmado e avançado de modo que a sala já se vai tornando pequena.

A igreja de Aveiro pertencem os grupos de Sangalhos e Vila Nova de Monsarros.

SANGALHOS — Foi no Verão de 1962, que por informação do pastor Armando Casaca, foram estabelecidos os primeiros contactos pelo pastor Samuel Reis com o irmão António Santiago e sua família. Todas as segundas-feiras, o pastor Reis se deslocava de Coimbra até Sangalhos, onde no «laboratório» do irmão Santiago, por entre aparelhos de T. S. F., se trataram os primeiros pontos da Mensagem.

Mas os estudos bíblicos passaram a ser dados na sala de jantar da casa do nosso irmão. Dado, porém, o número crescente de interessados, tornou-se necessário arranjar outro local; o mais amplo era a dispensa, que no Inverno tinha o grande inconveniente de se deixar infiltrar pela água. Em face disto pensou-se em alugar um vasto salão destinado a bailes na localidade. Seria uma boa oportunidade para contribuir para que findassem tais divertimentos.

A verdade, porém, é que, logo que constou que o salão ia ser alugado pelos Adventistas, determina-

das forças vivas entraram em acção impedindo o contrato.

Foi então que o irmão Santiago mandou construir uma moradia com uma boa sala no rés-do-chão, que foi dedicada ao culto da Palavra de Deus. A inauguração desta sala teve lugar no dia 29 de Outubro desse mesmo ano.

VILA NOVA DE MONSARROS — Foi em 1956 que surgiram os primeiros contactos naquela aldeia. Viviam ali a família da irmã Carmen Sala. Foi na casa de seu pai que se deu início aos Estudos Bíblicos, sob a direcção do então pastor da Igreja de Coimbra, Marcelino de Matos Viegas. Desde a primeira hora que começaram a surgir graves dificuldades. A notícia das reuniões propagou-se rapidamente por todo o lugar. Toda a gente falava e discutia sobre as reuniões dos Adventistas. Os ânimos foram-se exaltando. Eram feitas ameaças, apesar de tudo mantinham-se os estudos e a fé se fortificava no meio das perseguições. O pequeno grupo não cedia e algumas pessoas receberam o baptismo. O interesse aumentava a despeito da encarniçada oposição e os nossos irmãos começam a fazer planos para a construção de uma casa de culto. Quando tal propósito se tornou conhecido, agravou-se a situação.

De todos os lados choviam ameaças sobre os nossos irmãos. Quando o pastor Viegas lá ia, o povo irado juntava-se no caminho para o insultar, tocando latas e ameaçando-o de morte.

Os membros eram esperados às portas de suas casas e os vizinhos espumando de raiva procuravam amedrontá-los no intuito de que não fossem ao culto.

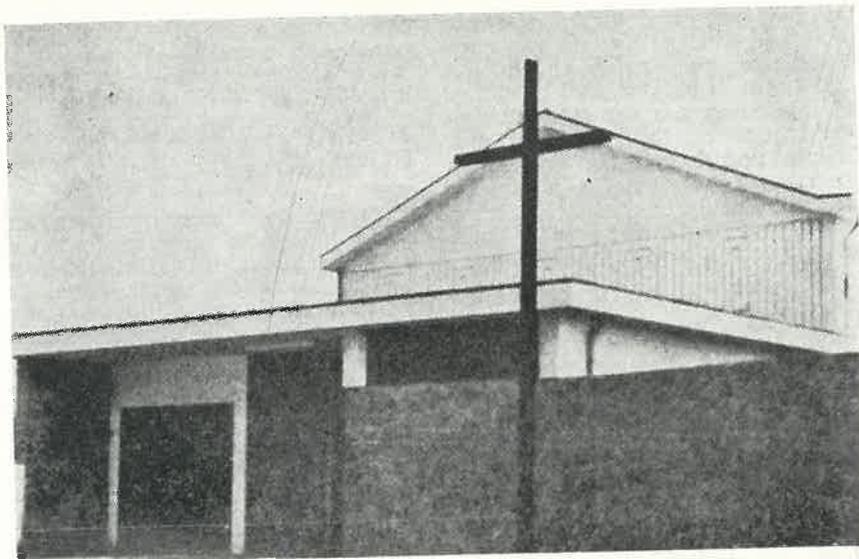
Mas sem se intimidarem os nossos irmãos seguiam seu caminho na direcção da casa aonde se realizavam as reuniões, sendo seguidos por gente amotinada que com muitos gestos e gritos tentavam levá-los a abandonar a sua nova fé.

Como a situação se agravasse cada vez mais, foi pedida a intervenção da G. N. R. de Anadia, cujo comandante disse ao pastor Viegas: «Nós não protegemos religiões. E ainda lhe digo que conheço o povo de Vila Nova de Monsarros, e se o ameaçaram de morte são muito capazes de o fazer, portanto é melhor não ir lá».

Em resposta o pastor Viegas disse: «Somos soldados de Cristo e não podemos deixar de ir aonde Ele nos envia. E iremos haja o que houver».

«Pois sim, respondeu o comandante, mas nós só vamos lá se nos telefonarem a dizer que estão a maltratar-vos».

As perseguições continuaram e os nossos irmãos pediram a intervenção da G. N. R. de Sangalhos, que também não atendeu ao pedido. Finalmente o comandante da G.N.R. de Coimbra, correspondendo amavelmente ao pedido dos nossos irmãos, ordenou que um carro com



Igreja de Vila do Conde

diversas praças armadas se dirigisse a Vila Nova de Monsarros nos dias de culto. Assim os ânimos foram serenando, embora se registassem ainda os habituais concertos de latas e ameaças e gestos de vingança.

Os anos foram passando e pouco a pouco os crentes podiam reunir-se sem serem perturbados. Mais almas foram aceitando a fé e finalmente concretizou-se a velha esperança da construção de uma casa de culto. Dinamizados pelo pastor José Manuel de Matos, os irmãos ali lançaram mãos à obra e esta foi ganhando corpo.

Um irmão deu o terreno, outros deram materiais e dinheiro. A Associação também ajudou e no dia 10 de Março de 1973 teve lugar a primeira reunião no templo que veio a ser dedicado no dia 21 de Abril do mesmo ano.» — *Arnaldo B. Macedo*.

No registo da igreja de Aveiro figuram 128 membros.

OLIVEIRA DE AZEMÉIS

A igreja de Oliveira de Azeméis procede da igreja de Espinho.

Por volta de 1967, o ir. Albino Santos, colporteur, entrou em contacto com Salvador Fonseca, que passou a ser visitado por ele e pelo ir. Pedro Fernandes, de Espinho, até que, finalmente, foi baptizado, com sua esposa, irmã Amélia, e seu filho Ricardo. Dois irmãos de Espinho, José de Sousa Teixeira Rocha e Adelino Guedes, a fim de darem o seu apoio ao trabalho missionário em Oliveira de Azeméis, para ali transferiram, acompanhados por suas famílias, a sua residência e actividade profissional. Como resultado constituiu-se um bom grupo, que a princípio se reunia em casa do ir. Salvador, e que a partir de 26 de Setembro de 1970 passou a reunir-se, com novos membros e

visitas que se lhe acrescentaram, em sala alugada na Rua Manuel Brandão, 110, que ainda continua sendo usada para o mesmo fim. Em 1978, foi o grupo organizado como igreja, com um total de 34 membros.

SANTARÉM

O Pastor Eliseu Miranda foi o primeiro obreiro que, pelo menos em tempos recentes, se estabeleceu em Santarém, o que se deu em 1970. Passados poucos meses, sucedeu-lhe o Pastor Paulo Tito Falcão, em cujo tempo, em 12 de Dezembro de 1970, se inaugurou a actual sala, que se encontra situada na Avenida António Maria Baptista, 40-A e 40-B.

Da igreja de Santarém dependem os grupos de S. João da Ribeira e Rio Maior, que são regularmente visitados pelo pastor.

Número actual de membros da igreja: 88.

ODIVELAS

Por volta de 1956, pastoreando o ir. Pedro B. Ribeiro a igreja de Alvalade, à qual pertenciam três membros residentes em Odivelas, foi-lhe pedido que abrisse uma sala nesta vila. Conseguiu-se alugar uma casinha térrea, alumiada a petróleo, onde algumas almas aceitaram o Evangelho e se uniram à igreja. Passados alguns meses, o grupo passou a reunir-se noutra sala alugada, agora na Rua da Fonte, 25, 1.º, Dt.º. Finalmente, em 2 de Janeiro de 1971, inaugurou-se a actual sala, na Rua José Malhoa, 16-A, sendo nesse mesmo dia organizada a igreja, com 22 membros, número hoje aumentado para 81.

Da igreja de Odivelas depende o grupo de Torres Vedras, que se reúne na Rua Guilherme Gomes Fernandes, 18, e é regularmente visitado pelo respectivo pastor.

SALVATERRA DE MAGOS

A igreja de Salvaterra é uma filha legítima da igreja central de Lisboa. Foi através do ir. Basílio Teso que a Mensagem penetrou nesta vila. Não tardou que os primeiros frutos do seu trabalho surgissem com o baptismo da irmã Amália Silva e de sua filha Isabel Silva. Não dispo de um lugar próprio para se congregarem, a família Silva franqueou a sua casa aos membros e visitas, tendo-se ali realizado reuniões durante três anos. Finalmente, em 12 de Agosto de 1972, foi inaugurada a actual sala, depois de carinhosamente acondicionada e mobilada pelos membros.

Salvaterra, organizada mais tarde como igreja, conta actualmente 37 membros.

VILA NOVA DE GAIA

«Os primeiros contactos com pessoas residentes na vila de Gaia datam do tempo do Pastor Renfro (1911-1917). Alguns estudos bíblicos foram então dados tendo algumas pessoas aceite a Mensagem do Advento. Essas pessoas passaram a frequentar a Igreja do Porto na qualidade de seus membros. Com o desenvolvimento da obra adventista no Norte do país chegou o tempo em que a Igreja de Oliveira do Douro se voltou para a expansão do Evangelho exactamente na vila de Gaia. Uma sala condigna, na Rua Soares dos Reis, 287, foi alugada em 1971 passando os crentes de O. do Douro a darem o seu apoio a este trabalho. Em 1973 o trabalho passou para a responsabilidade da Igreja de Canelas tendo passado os cultos para a direcção do Pastor Manuel Laranjeira, que se realizavam aos sábados de tarde. Em 1976 deu-se uma nova mudança na responsabilidade deste trabalho tendo a Igreja do Porto recebido o apelo de dirigir a actividade evangelística nesta vila. Durante algum tempo os cultos continuaram nas tardes de Sábado mas finalmente, um núcleo de crentes do Porto aceitou o repto de irem formar a grupo de Gaia que viria a se constituir em Igreja nos princípios de 1978 com um início de 45 membros baptizados. Embora uma boa parte dos crentes fosse para Gaia em regime provisório; a verdade é que todos permanecem alegremente em Gaia não escondendo o seu entusiasmo pela fraternidade e espírito missionário reinante nesta Igreja.» — José M. de Matos

MATOSINHOS

«Os primeiros contactos da Mensagem Adventista em Matosinhos datam de 1936. Ao longo dos anos algumas pessoas residindo nesta área aceitaram a Fé mas foi só em

1972 que a Igreja do Porto se lançou num trabalho em profundidade tendo em vista a abertura de uma Sala de Culto em Matosinhos. O objectivo foi alcançado, tendo o Pastor Fernando Mendes e os seus colaboradores conseguido alugar uma boa Sala na Rua D. João I, n.º 130. As reuniões começaram tendo lugar aos Sábados de tarde e, algum tempo depois, às quintas reuniões de oração, e aos domingos. Em 1975 os crentes que frequentavam a Igreja do Porto mas que viviam na zona de Matosinhos foram encorajados a estar presentes nas reuniões de Matosinhos: um bom número respondeu ao apelo, tendo então os cultos de Sábado passado para a parte da manhã. Por meio do baptismo e por transferências de outras congregações novos membros se juntaram à Igreja de tal modo que em Fevereiro de 1976 a Igreja de Matosinhos tornou-se uma Igreja independente com 58 membros baptizados.

Hoje, a Igreja de Matosinhos tem 87 membros.» — José M. de Matos

BRAGA

«Os primeiros contactos em Braga, vêm dos anos 50, quando o Pastor A. Raposo e o Ir. José Graça visitaram aquela cidade em nome da Escola Rádio Postal contactando com alguns alunos do curso bíblico por correspondência. Porém, só em 1972 surgiram os primeiros resultados em termos de membros ganhos para a Verdade. Dois anos mais tarde, em 1974, foi residir para esta cidade o colportor ir. Manuel Mendes e a sua família os quais se juntaram aos crentes dispersos naquela área formando um pequeno núcleo que se reunia aos sábados em casa do ir. M. Mendes. Mas em Outubro de 1974 deu-se um grande passo em frente com a abertura da Sala na Rua Frei Caetano Brandão, 101-A. O trabalho ficou ao cuidado da Igreja do Porto até 1977 ano em que o obreiro M. Garrido foi nomeado pastor residente e tomou conta do trabalho. Nesse mesmo ano o grupo passou à condição de Igreja com 39 membros baptizados. A Igreja de Braga procura agora alargar também as suas tendas e assim o Pastor Garrido juntamente com os seus colaboradores deslocam-se regularmente a Arcos de Valdevez, a Monção e a Vizela onde ensinam e pregam a Palavra. Em Vizela acaba de ser adquirido um andar onde se reunirá a Igreja local ainda certamente este ano.» — José M. de Matos

VILA DO CONDE

«No dia 8 de Dezembro de 1973 procedeu-se à dedicação deste belo

templo, gesto de adnegação do anção local, Ir. Amadeu da Silva Mendes e seus filhinhos, que não só ofereceram o terreno como todo o dinheiro necessário para a sua construção.» A. Echevarría, na *Revista Adventista*, de Janeiro de 1974.

Integrado na igreja de Vila do Conde encontra-se o grupo de Delães. Acerca da história do Grupo escreve o Pastor Echevarría: «Foi em 1970 que a Irmã Rosa Dolores entrou em contacto com a nossa igreja em Angola. E regressando nesse mesmo ano a Portugal, procurou primeiro entre a sua família falar do pouco que conhecia. Procurou a seguir a igreja mais próxima, que foi a do Porto, onde nesse mesmo ano foi baptizado, seguindo-se-lhe, em 1971, o seu marido Ir. António da Silva. Davam então estudos no seu lar à família e outros interessados. Passaram depois a reunir-se noutra lar, dos actualmente irmãos Joaquim Machado, esposa e filhos, no lugar da Cerqueda. O Pastor Fernandes Mendes visitava-os de vez em quando, até que foi para ali enviado o Pastor Sincer, que pastoreava a igreja de Vila do Conde. Pouco depois o referido pastor foi substituído pelo Ir. Echevarría em 1973. No ano seguinte alugou-se o armazém, que foi dividido em sala para os jovens e sala de culto com o resêctivo baptistério. Hoje esta sala está sendo frequentada por 28 membros baptizados e várias visitas.»

Número de membros da igreja de Vila do Conde: 72.

ATALAIA DO CAMPO

«Em Junho de 1974, o Ir. Reinaldo dos Santos e sua filha deixam Lisboa com rumo a Atalaia do Campo. Levam consigo a indicação da família Sousa, que morava no Fundão. Ambas as famílias vinham de Angola.

«Passaram a reunir-se aos Sábados em diversos locais e finalmente acabaram por alugar uma pequena sala em Atalaia do Campo. Pouco tempo do encontro destas duas famílias, descobrem em Massinhos de Belmonte a irmã Sara Gil e ali se faz a primeira Santa Ceia do pequeno grupo.

«Fazem-se diversos arranjos na sala, que em 26 de Abril de 1975 é inaugurada. No dia seguinte, têm lugar os primeiros baptisimos em Portalegre (Guilherme Gil, e dois filhos — Victor e Neide).

«Com novos baptisimos e com a vinda das famílias Lima (o colportor que lançou tão boas raízes para a colheita de novas almas para o Senhor), J. D. Henriques, Armando Reis e H. Lopes, finalmente o grupo é organizado como igreja em 29 de Outubro de 1977, com 33 membros.» — Reinaldo dos Santos

A PRIMEIRA VISITA

(Continuação da pág. 5)

pelo Espírito de Deus. A nossa relação com outros amigos daqui tem sido até ao presente muito agradável. Lembramos os nossos amigos de Londres e de outras partes do mundo, mas há laços comuns na obra de Deus que levam corações a simpatizar com corações, com uma simpatia que não pode expressar-se em palavras. A obra é a mesma em todo o mundo, e ao aproximar-se do fim, uma unidade de Espírito será vista e realizada cada vez mais. Confiamos que a nossa vinda aqui possa ser uma bênção para a causa da verdade. A irmã Druillard sofreu muito de enjoo, e cada um de nós enjoo também um pouco. Mas já passaram alguns dias desde a nossa chegada e sentimo-nos muito em família entre os nossos irmãos e irmãs. Pensamos na obra em Londres, no Continente e noutras partes. Queira o Senhor apressar o tempo em que a obra esteja terminada e os santos reunidos no repouso eterno.

(1) Ler, acerca desta viagem, o capítulo «Scouting for Missions», na obra de Ella M. Robinson, *S. N. Haskell Man of Action*, Washington, D.C. (Review and Herald Publ. Assn.), 1967, págs. 95-120.

(2) Francamente, não compreendemos a que se refere o autor quando escreve: «There are Protestant places of worship, with the 200 public houses for that purpose».

PARA ISTO VIEMOS

(Continuação da pág. 9)

a morar na terceira área, e ainda havia um segundo andar livre. Vários interessados perdiam empregos ao guardar o Sábado, entre eles um sapateiro, o irmão Zeferino da Silva.

O meu pai convidou-o a montar a sua sapataria naquele recinto, onde ele fez botas para todos nós. Depois empreitava trabalho externo. Anos depois, quando a minha esposa Esther e eu éramos missionários no Brasil, encontrámos o irmão Zeferino em São Paulo, que se havia casado com a irmã Margarida. Ambos haviam sido baptizados pelo Pastor Clarence, sendo membros originais da Igreja Adventista portuense.

Em 1914 eram 20 os membros de igreja no Porto e 41 em Lisboa. Entre eles, um grupinho de jovens — Artur, Evelina, Eugénio e Noémia Gomes de Melo. Sua mãe, Maria Isabel de Melo e eles moravam então no Porto. O jovem colportor, Alberto Raposo, de

22 anos, havia-os convidado à Igreja Adventista. O Alberto seria mais tarde o pai de Eunice, a esposa do Pastor Joaquim Dias. A família dos Melo foram baptizados comigo no Rio Leça pelo Pastor Clarence.

Pois bem, um bom Adventista é também testemunha da fé em Cristo. E assim os quatro jovens da família Melo saíram a colportar. Em poucas semanas venderam 1200 exemplares dos *Sinais dos Tempos* que o meu pai editava em português. Também vendiam o livrinho *O Glorioso Aparecimento de Cristo*.

Os *Sinais*, sem datas entre 1911 e 1915, saíam com tiragem de 4000 cada vez. Destes, 500 exemplares iam a New Bedford, na América, para distribuir entre os emigrados das ilhas. Hoje existem fortes igrejas entre os portugueses na América e no Canadá. Tive o privilégio de dirigir conferências em duas das igrejas, e em várias reuniões campais em South Lancaster, Massachusetts, quando o autor destas linhas trabalhava na Associação Geral, Washington, D. C., entre 1936 e 1951.

Em 1917 o Pastor assumiu a presidência da Missão Mineira dos Adventistas no Brasil. Saímos de Leixões em 17 de Março (à larga estavam submarinos à nossa espera, mas escapámos). Aportámos no Rio de Janeiro 23 dias depois. Vivemos no Brasil até 1924.

Os alicerces da obra haviam sido assentados em Portugal. Os pioneiros deixavam duas Igrejas Adventistas no Porto e Lisboa com uns 85 membros. O Pastor Paul Meyer assumiu a direcção da missão no país.

O Pastor Clarence E. Rentfro faleceu aos 74 anos depois de um acidente de avião em 1951, mas a minha mãe, Mary Rentfro, escapou ilesa. A sua vida estendeu-se até 1972, vindo a falecer aos 97 anos. Jazem os pioneiros lado a lado, na esperança da ressurreição do último dia, no Montecito Memorial Park, Loma Linda, Califórnia.

A enfermeira trabalhosa, também parteira ao lado de umas 1000 mães, dedicou mais de 50 anos à humanidade em três continentes. Dona Mary Loizette Haskell Rentfro será recordada por milhares dos seus pacientes com profundo amor e desusado carinho.

Sou endividado também, como filho desses pais honrados que, quando ainda jovens, dedicaram suas vidas ao serviço do Mestre. Portugal foi sempre a sua e a nossa segunda pátria espiritual, a caminho da Nova Terra, a primeira a que todos os veros Adventistas aspiram com muito anelo. Os meus pais sempre oravam, como o Apóstolo João no seu Apocalipse: «Vem, Senhor Jesus.»

12 de Março de 1979.

CHARLES A. RENTFRO
Rt. 1, Box 32 — R 5
Mokelumne Hill, Califórnia 95245
U. S. A.

JOSÉ ABELLA

(Continuação da pág. 13)

um pequeno núcleo de membros e outros pequenos grupos em vários povos vizinhos, desejosos de cooperar em o povo de Deus, para a glória do Senhor no dia da Sua vinda. O pouco que aqui foi feito, o foi em precárias circunstâncias e com escassas facilidades; apesar disto, a bênção do Senhor nos tem acompanhado. Desde muito tempo esperamos ver as circunstâncias mudadas e aumentadas as facilidades. O nosso local de reuniões é péssimo; não ousamos convidar ali ninguém. Temos buscado outro durante dois anos e não o encontrámos ainda em melhores condições.

As casas para alugar são poucas; as que têm um bom salão, muito mais escassas, e se alguma se encontra é por preço que não podemos pagar.

Sentiria uma grande satisfação se no próximo número da *Revista Adventista* pudéssemos dizer que já temos uma boa sala para reuniões e muita coragem para trabalhar até vê-la cheia de almas. Para isto necessitamos a cooperação dos irmãos que nos dirigem e da oração de todos, até ao triunfo final da obra de Deus.»

Nessa altura, já a doença que o vitimaria estava minando o seu organismo. No princípio de 1928, escrevia para a *Revista Adventista* o Pastor H. W. Lowe, presidente da Missão Portuguesa: «É com profunda tristeza que anunciamos que a doença grande de que está sofrendo o nosso irmão Abella o obrigou a deixar a obra e o Porto. Ficará alguns meses nos campos de Felgueiras onde, segundo a opinião médica, encontrará melhores condições climatéricas para o seu restabelecimento. Todos os nossos membros deviam orar fervorosamente a fim de que as medidas humanas que tomámos possam ser abundantemente

abençoadas pelo Senhor, e para que o nosso irmão possa recuperar a saúde perdida.»

Em 4 de Maio desse mesmo ano de 1928, faleceu o Pastor Abella em Felgueiras.

Pouco antes de sua morte escrevia ele: «Conheço que não posso confiar nos remédios humanos para o meu restabelecimento. Os meus dias estão contados, mas sei em Quem tenho crido e não tenho medo de morrer.»

Ao apresentar na *Revista Adventista* o obituario de José Abella, eis o testemunho que a seu respeito deu o presidente da Missão, Pastor Lowe: «Morreu como sempre viveu, um crente sincero na esperança da Segunda Vinda de Cristo, e deixa a sua fiel esposa com quatro filhinhos, parentes e um grande número de amigos e colaboradores cristãos a lamentar a sua perda. Bem-aventurados todos os que n'Ele esperam. Isa. 30:18.»

Como se sentiria hoje feliz o Pastor José Abella, se ainda vivesse, ao saber que seus quatro filhos — Paulo, Lídia, Helena e José — se mantêm não só firmes na fé mas como activos obreiros na Causa que ele tanto amou!

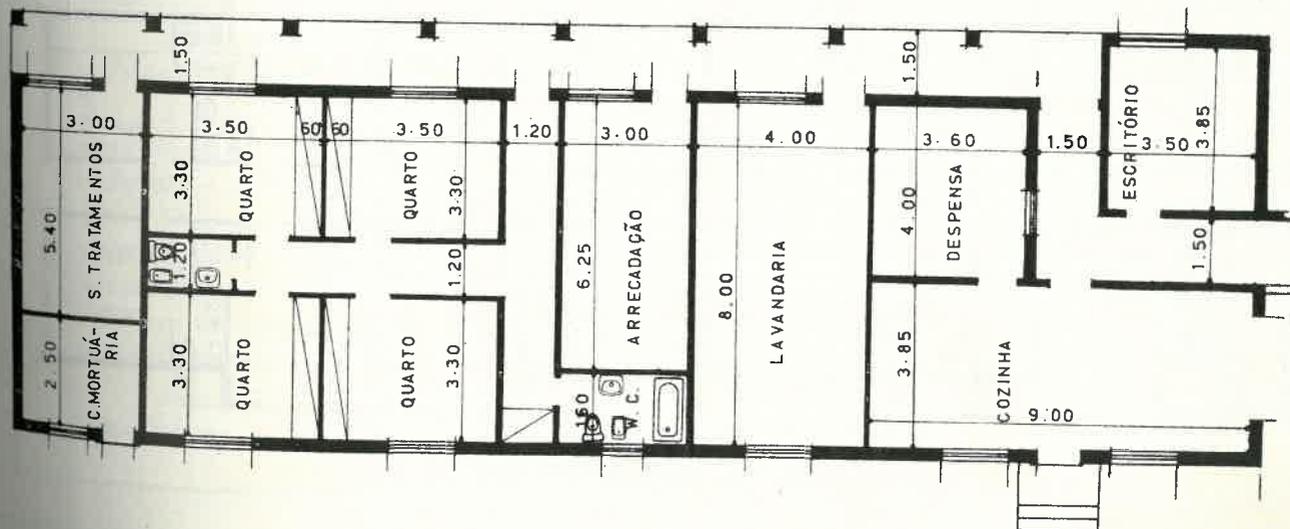
A OBRA DAS PUBLICAÇÕES

(Continuação da pág. 24)

Não conhecemos exactamente os resultados de toda a literatura distribuída até ao presente no nosso país. Uma coisa sabemos, de certeza: que a semente lançada ao solo não ficou perdida.

Sirvam-nos de encorajamento as seguintes palavras de E. G. White:

«Deus fará em breve grandes coisas por nós, se nos achegarmos humildes e crentes a Seus pés... Mais de um milhar serão em breve convertidos num dia, a maioria dos quais atribuirá suas primeiras convicções à leitura de nossas publicações.» — *O Colportor Evangelista*, pág. 151.



L. A. P. I. — Ala dos Serviços

